

A

M

I

I

E

A ÚLTIMA ÁRVORE

LUIZ
BRAS

V

R

R

O

LF-06/002
2017

Á

A ÚLTIMA ÁRVORE

LUIZ
BRAS

A Ú L -

T I M A

Á R V

O R E

SUMÁRIO

5	O ÍNDIO NO ABISMO SOU EU
25	MECANISMOS PRECÁRIOS
40	VIRTUAIS
49	MEMÓRIAS
63	AÇO CONTRA OSSO
75	NUVEM DE CÃES- -CAVALOS
87	BILHETES
92	A ÚLTIMA ÁRVORE

O ÍNDIO NO ABISMO SOU EU

Sinto a eletricidade correr nos fios entrelaçados de minha consciência. Sem alvoroço. Antes não sentia, agora sinto. Antes eu não era nada, agora sou qualquer coisa que não sei bem o que é. Talvez eu seja só a própria eletricidade atravessando uns poucos neurônios. Talvez eu seja só uma folha que acaba de se desprender de um galho. Mas aqui não há galhos, árvores, paisagem. Aqui não há nada, apenas a serena eletricidade. Não há céu nem terra, direito e avesso. Nada. Somente eu. Se ao menos ventasse isso já seria reconfortante. E se estiver ventando? E se estiver ventando muito, sem que eu possa perceber? Sou uma folha e nada mais. Sem certezas nem equilíbrio. Uma folha elétrica.

Quanto tempo faz que estou aqui? Uma semana, um ano? Não consigo falar, enxergar ou escutar. Parece até que não tenho olhos nem ouvidos. Também não consigo sentir a forma dos objetos nem o contorno do meu próprio rosto. Não tenho mais as mãos e os pés, nem sei se ainda tenho um corpo. Desejo... Vontade de... O que é isso: desejo? Pra que serve isso: vontade? Não consigo sentir o cheiro e o gosto da comida que me oferecem. Também não tenho certeza se ainda estão me alimentando. O vazio e a escuridão se espalharam ao meu redor. O silêncio não é quente nem frio. Estou numa caixa-preta, totalmente fechado, apartado da realidade.

Nada acontece. Identidade, sexo, idade? Queria ao menos lembrar meu nome, saber se sou homem ou mulher, jovem ou velho. Mas a memória também sumiu no vazio, foi sugada pelo vácuo. Uma lâmina de gelo reduziu todas as lembranças a uma coleção de átomos tresloucados. Tenho superpoderes? Será que sou uma divindade, um deus sem começo nem fim? Talvez eu seja o criador de todas as coisas, eterno, poderoso, um minuto antes de conceber o universo. Ou talvez eu seja só uma bactéria inteligente sendo aniquilada por um antibiótico. Um ser insignificante abraçado pela morte. Isso explicaria minha confusão mental. Abraçado pela morte ou pela vida? Talvez eu esteja prestes a nascer. Talvez eu ainda seja só um bebê passando pelo canal vaginal de minha mãe. Um espermatozoide encontrou um óvulo e aí vou eu, estarecido, através do túnel encantado.

O que é isso? Que sensação estranha... Isso é um som? Começo a perceber um sussurro. É verdade, minha audição está voltando. A caixa-preta parece menor, ah, que rumor delicioso. São pessoas conversando bem perto. Porém não consigo entender muito bem o que dizem. Duas, três pessoas? O que são pessoas? Pararam de falar, foram embora, o eco derreteu. Agora estou escutando uma música. Muito distante. Um piano de sonho e um violino de vapor, transparentes. Tento falar mas a voz não sai. Se pudesse ouvir minha própria voz talvez eu conseguisse descobrir meu sexo, minha idade. Não sou um bebê passando pelo canal vaginal. Se fosse já teria nascido. Sou mesmo um deus, uma entidade ilimitada. Sou o tempo e o espaço

aprisionados no microovo primordial. Antes da grande explosão. Que sensação absolutamente estranha... Talvez eu seja mesmo só uma bactéria inteligente em agonia, um serzinho megalomaniaco sendo aniquilado por um antibiótico. Desejo... Vontade de... O que é isso: desejo? Pra que serve isso: vontade? Talvez eu seja mesmo só um bebê passando pelo canal vaginal. Pra fora da caixa-preta. Através do túnel encantado. *Na direção da luz, sempre na direção da luz*, uma voz pede-solicita-ordena insistentemente. *Na direção da luz, sempre na direção da luz*. Já entendi.

Quem sou eu pra desobedecer?

A visão também está voltando. Caramba, isso dói demais. Não é uma tragédia grega mas dói demais. Princípio de pânico. A luz é muito forte e não está sendo fácil controlar o medo. Se as cores não vibrassem tanto eu conseguiria... Poderia... Areia ao meu redor, ondas mais adiante. Estou numa praia. Será que o mundo acabou de ser criado? A alegria é muito grande: tenho sim braços, pernas, um corpo. Minha pele é negra e meu cabelo é muito comprido. Nem deus nem bactéria. Seios e útero. Tudo na temperatura certa, à prova de maldições. Sou uma mulher, devo ter uns vinte anos. Os acordes do piano e do violino continuam banhando o cenário. Meus outros sentidos começam a voltar devagar. Sinto o cheiro da água salgada, da alga marinha secando ao sol. Enfio os dedos na areia. Prazer quente e indizível. Estou nua, drogada de estímulos.

A dor passou. Durmo, acordo. Volto a dormir, a acordar. Não sei há quanto tempo estou nesta praia, sem

sentir fome ou frio. Sem vontade de evacuar. Os dias avançam na velocidade dos dias, da solidão. Anoincece, amanhece. Anoincece. Sem excesso. Algo estranho está acontecendo. Os meus olhos piraram ou... O mar está mesmo se afastando para a direita, as nuvens estão realmente fugindo para a esquerda? O sol encolheu, diminuiu e desapareceu. A praia está sendo desmontada e retirada, como se fosse um simples cenário de ópera. Todos os grãos de areia foram parar no depósito do teatro mais bizarro. Agora estou num quarto de hospital. Pelo menos é o que parece: um quarto de paredes brancas, limpas. Estou deitada numa cama e há uma enfermeira ao meu lado. Seu sotaque é engraçado. Áspero. Seu penteado e sua roupa também. Pequenos cubos de luz flutuam sobre a cama. A enfermeira pergunta se consigo enxergar seu rosto, se consigo ouvir sua voz.

— Sim — eu respondo.

Ela faz um carinho em minha mão, avisa que logo o médico virá me visitar e desaparece. Literalmente. A enfermeira não saiu por uma porta, ela simplesmente sumiu feito um fantasma. Ou foi recolhida, simples assim, por um prestidigitador invisível. As paredes e o teto tremellicam, parecem de gelatina. Percebo nelas o movimento das ondas do mar. As mesmas ondas urgentes da praia agora guardada no depósito do teatro. Queria ter qualquer coisa — uma pedra, uma dádiva divina — pra jogar no mar. Saudade da velha praia? Se eu baixar as pálpebras tornarei a sentir o cheiro da água salgada, da alga marinha secando

ao sol? Logo o médico se materializa ao meu lado. Seu nome é Miguel. Tudo nele também é engraçado: o sotaque, o cabelo, a roupa. Ele pergunta como estou me sentindo. Só então eu percebo que a pergunta foi feita dentro da minha mente. O médico não mexeu a boca. Transmissão de pensamento? Meu espanto começa a virar pânico. Ao perceber que estou quase surtando, ele tenta me acalmar. Ele aponta sua testa, aponta a minha e diz:

— Nós dois estamos conectados mentalmente. Não precisa ter medo.

A semana seguinte é de fisioterapia. É dos ossos e dos músculos. Também é de perguntas e respostas: fios de materiais diferentes que precisam ser atados com delicadeza. São sete dias de explicações demoradas, estranhas e cansativas. Começa com a subversão do calendário, um salto no tempo. No primeiro dia doutor Miguel conta que eu estou acordando de um sono metódico de duzentos anos. Pronto: loucura. Eu faço cara de total desconfiança, formase uma bola de mau humor em meu estômago. Passo mal e desmaio. No segundo dia ele explica que dois séculos atrás eu fui colocada em suspensão criogênica. Eu peço a ele que traduza isso. Ele conta que eu tinha uma doença grave, fatal. A morte era certa. Então eu e meus pais concordamos que eu fosse congelada. Estava na moda, havia empresas especializadas, anúncios em toda parte. No futuro, quando encontrassem a cura da doença, eu seria descongelada e tratada. Era a tecnologia invadindo o centro da existência: a extinção da vida.

— Por que não lembro nada disso? — pergunto.

— Porque sua doença atingiu vários órgãos vitais. Incluindo seu cérebro, apagando parte de sua memória.

Surgem no ar antigas imagens tridimensionais que mostram o avanço da doença. As veias e as artérias estão tomadas por um catarro negro: uma espécie traiçoeira tentando devorar a outra. Vejo através da minha carne. Imagens terríveis do meu corpo antes da suspensão criogênica. O choque é muito grande. Eu desmaio. Estar vivo é mesmo o maior luxo que alguém pode desejar. A escuridão é escura. Escuríssima. No terceiro dia doutor Miguel explica que meses atrás a doença foi finalmente tratada e minha vida não corre mais risco. Dessa vez eu não desmaio nem falo nada, só não quero ver novamente aquelas antigas imagens. Quieta, sem forças, eu apenas escuto. O mundo das ideias é um estado transitório entre o nada e o absurdo. Meu médico jovem e talentoso expõe animadamente os detalhes mais empolgantes da descoberta da cura. Tudo muito técnico. No meio da explicação eu já estou dormindo. No quarto dia ele conta que meses atrás precisaram substituir meus antigos órgãos atacados pela doença por órgãos artificiais. Eu pergunto o que é um órgão artificial. Ele explica que é um órgão cultivado em laboratório, como uma fruta ou um legume.

— Um órgão cultivado? — eu arregalo os olhos.

— Exatamente. Por exemplo, você não nasceu com esses lindos olhos saudáveis. Eles são novos. Foram cultivados especialmente pra você.

Eu desmaio. Quem, na minha situação, não desmaia-ria? Sinto como se tivesse muitas pedras dentro do crânio, pesando demais. Sinto como se no lugar do fígado eu tivesse um chuchu. No lugar dos pulmões, uma couve-flor. Talvez eu tenha até órgãos extras, recém-inventados: para processar a cor dos alimentos ou para separar os desejos puros dos impuros. Gostaria de possuir olhos que olhassem pra dentro, será que já inventaram? Pelo visto minha família era muito rica. Desconfio que toda essa parafernália artificial custou uma fortuna. No quinto dia doutor Miguel fala um pouco mais sobre a técnica do cultivo de órgãos. Ele é um dos principais pesquisadores nessa área. Surgem no ar imagens tridimensionais de rins, baços e corações sendo cultivados em pequenos aquários. Ainda não sei dizer se tudo isso, toda essa inteligência a serviço da vida, é sorte ou azar. Por que lutar tanto contra a morte? Que agonia infinita! Eu não desmaio, mas perco o controle emocional. Se a vida não existisse não haveria dor nem medo nem desespero. Só haveria o silêncio e a noite. Começo a rir histericamente. Não há graça alguma, mas não consigo parar de rir. Efeito do choque cultural. No sexto dia doutor Miguel conta que a doença destruiu parte do meu cérebro.

— Uma parte muito pequena do lobo parietal esquerdo — ele explica. — Não precisa ficar nervosa. Não trocamos seu antigo cérebro por um novo. Isso seria impossível. — Ele pensa um pouco e abre um grande sorriso: — Impossível hoje. Daqui a cem anos, quem sabe?

No sétimo dia doutor Miguel não descansa. Continua ao meu lado. Eu devaneio sobre certos fenômenos invisíveis. A preguiça. Há coisas que tenho preguiça de perguntar. Sobre o verão, por exemplo. Estamos no verão ou já é outono? Ou as estações do ano também já foram remanejadas artificialmente? Não pergunto. Perguntar às vezes é muito cansativo. Como eu disse, no sétimo dia doutor Miguel não descansa. Nesse dia ele conta que semanas atrás eu recebi três próteses neurológicas. Eu pergunto — essa não deu pra evitar — o que é uma prótese neurológica. Ele explica que é um microchip implantado no cérebro. Um pequeno dispositivo capaz de potencializar a memória e a inteligência. É graças às três próteses que eu e ele conseguimos conversar por telepatia. Doutor Miguel garante que, com o treinamento adequado, em pouco tempo eu lembrarei tudo o que esqueci e aprenderei a navegar na brainet. Eu pergunto — a preguiça passou — o que é a brainet. Ele explica que é a internet do cérebro. Isso causa em mim um choque sinestésico, como se ele tivesse me convidado pra cavalgar o sabor oleoso e áspero da luz ou socar as faces sedosas e perfumadas do riso.

— Sempre que você acessar a brainet, você entrará em contato com bilhões de pessoas em tempo real. Sem mexer um músculo sequer. Somente com o pensamento.

Muitas pessoas passam a vida toda estudando os segredos do mundo. Querem medir e pesar as horas, os afetos, o exato intervalo entre o chão e a sombra, coisas assim. Porém atrás de cada segredo se escondem outros dez. Vamos

falar a verdade: atrás de cada segredo está o infinito. É nisso que estou pensando quando ele diz adeus. Que idade terá? Parece não ter mais de trinta e cinco. Eu pergunto, ele responde: cento e sessenta. Que seja, nada mais me surpreende. Doutor Miguel termina seu trabalho dizendo que o pior já passou, que agora estou fisicamente recuperada, pronta pra começar a enfrentar o novo mundo. Ele se despede brincando:

— Você ainda viverá trezentos anos. No mínimo.

Sua imagem começa a desaparecer: insólita dissipação, jamais me acostumarei. Até qualquer hora, doutor. Sua silhueta encolhe e vira pó, claridade, nada. Ele precisa atender outros pacientes na mesma situação que eu. São centenas, talvez milhares. Eu não lembro meu nome. Eles também não lembram de nada: nome, parentes, infância. Nos últimos dois séculos houve guerras civis, revoltas sociais, mudanças. Somos sobreviventes criogênicos de famílias que já desapareceram. Em breve uma equipe profissional de readaptação — um psicólogo multimídia, um clínico neural e um tutor financeiro — cuidará de meu caso. Serão meus guardiões, até que minha reintegração esteja concluída.

Nos últimos dias fiz alguns progressos. Navegar na brainet é saltar de caos em caos. A maioria dos usuários não pensa assim. Eles fazem isso desde que eram bem pequenos. A novata aqui sou eu. Sempre que me conecto, perco o fôlego, um arrepio sobe por minha espinha dorsal. Como se eu estivesse caindo de uma grande altura. Muito

brilho, muita cor no abismo. As coisas claras podem ser escuras e as escuras, claras. Como num incêndio. Conectada, consigo ouvir o pensamento dos outros, visitar lugares distantes, pesquisar antigos arquivos. Meu corpo deixa de ser propriedade exclusiva minha, agora ele pertence a todos. É perigoso isso: compartilhar o próprio corpo, os sentidos. Porém as senhas e os protocolos de segurança impedem que eu enlouqueça ou seja estuprada por milhares de mentes viajantes. A noção de comprimento, altura e largura não é hegemônica, cada dimensão é feita de muitas dimensões. Será isso o que chamavam de *mecânica quântica*, duzentos anos atrás? O movimento é imóvel, viaja-se sem sair do lugar. Eu chafurdo em camadas corticais profundas. Procuro informações sobre mim mesma. Meu nome. Imagens de meus pais. Qualquer coisa. Navegar na brainet é juntar nexos desconexos. Ser ao mesmo tempo singular e plural. Compreendo todos os idiomas.

Mas nada prende minha atenção. Apenas viajo na multilinguagem. Sem querer encontro um filme meio desbotado. Uma cena histórica: Cristóvão Colombo apresentando à rainha da Espanha e sua corte um pequeno grupo de nativos do Novo Mundo. Distantes... Um grupo de tainos. Muito distantes... Sequestrados pelos conquistadores. Muito, muito distantes de sua Cuba natal. São os primeiros índios a visitar a Europa. Penas e colares e lanças cercados por mantos e vestidos e sobrecasacas e armaduras e espadas e arcabuzes. O arrepio na espinha aumenta, estou na mente do chefe taino, consigo sentir

seus pensamentos, sua perplexidade. Como se defender do homem branco, da tecnologia bélica de seu admirável mundo velho? A cena escapa de mim, desaparecendo entre outras, de outros filmes. Onde está? Já foi, veloz. Nunca mais esquecerei aquele chefe indígena. Inserido num mundo estranho, numa realidade expandida. Minha perplexidade é a sua perplexidade, partilhamos o mesmo pavor, o mesmo vocabulário. Como se defender das grandes cidades vaidosas e arrogantes, onde o futuro chega mais rápido para os ricos do que para os pobres? Aquele chefe sou eu. Desterrados, nós dois.

No final de minha terceira viagem pelo ciberespaço — a mais doce, a mais melódica das três — tudo fica amargo, desafinado: gritos, violência. O hospital está sendo invadido e ninguém foi preparado para o massacre. Ninguém. A sociedade educada jamais se preocupa com chifres, garras e dentes. Não há onde se esconder. Primeiro as telas e os gráficos tridimensionais ficam fora de foco, depois os canais de áudio são tomados por um chiado cinza. Um forte cheiro de carne queimada vaza dos condicionadores de ar. Essa é a maior ofensa que o olfato dos funcionários da ala de reintegração já sofreu. O fedor faz pensar em bruxas, fogueiras, crucifixos e inquisidores. Em bolhas nos braços, nas costas. Em queimaduras de terceiro grau. Tudo fica mais amargo, desafinado. O principal sistema recém-derrubado pela ação dos invasores é o da realidade expandida, jogando enfermeiros, médicos e pacientes no inferno da comunicação desencontrada. Durante alguns

minutos o mundo real e o virtual se misturam de modo confuso. Mais gritos, a violência avança. Quando a energia elétrica é cortada as paredes e o teto de gelatina finalmente desaparecem, ficando à mostra apenas as paredes e o teto reais, de plástico industrial, feios. Olho pela janela da sala de conexão e vejo o pátio do hospital, seis andares abaixo, tomado por uma multidão raivosa. De longe nem parecem pessoas. Parecem mais animais atirados por uma voz secreta. Lentos mas unidos, feridos mas vigorosos, cegos mas coordenados.

A enfermeira ao meu lado explica — é a primeira vez que vejo sua boca se mexer — que são as gangues do subsolo, do mundo sem mapas ou recenseamento. Vivem na fumaça dos andares mais profundos da cidade. Não falam, gritam. Raramente se arriscam fora das catacumbas. Eu pergunto por que estão atacando o hospital. Ela responde que vieram atrás de órgãos artificiais e implantes neurais. Vieram atrás dos suprimentos de nano-robôs e células-tronco. Então é isso: os excluídos. Piratas. Eu já devia saber: a fonte da juventude pertence a poucos, a alegria de uns é a tristeza de outros. Idiota, ah, como fui ingênua. Eu já devia saber: os séculos passam e nada realmente muda. O futuro jamais é para todos. O futuro é apenas pra quem pode pagar. Quem não pode tenta pegar à força. O futuro, o ar puro e o sol.

— Precisamos ir — a enfermeira comanda. — Agora. Para o terraço.

Os helicópteros de resgate nos esperam no alto do edifício. Pelo menos é nisso que todos acreditam. Meu corpo

sente a pressão da gravidade e a resistência da atmosfera. O medo tem certos cheiros e sabores que só os mamíferos conhecem, ele emperra as articulações, resseca as engrenagens. Pôr as pernas em movimento é sempre mais fácil na brainet. Andar, correr, subir uma escada. Respirar. Manter o equilíbrio. Não há nada mais difícil de planejar do que isso, no mundo da matéria grossa e pegajosa os quais parecem toneladas. Eu tento acompanhar o grupo que foge. Tropeço uma vez, duas. Bato o joelho numa quina escondida num canto escuro. Suporto a dor sem chorar.

Fora do ciberespaço a gravidade é a grande autoridade. Tudo pesa, até mesmo o vento que empurra os predadores em nossa direção. A enfermeira chama, por aqui, por aqui. Sua voz vibrante é mais bonita em carne e osso do que na telepatia. Os helicópteros... Sem eletricidade a única iluminação é a do sol, fraca, coada pelas nuvens: o crepúsculo tenta ajudar mas as portas entre os andares não abrem. Como são patéticas, desengonçadas e primitivas as pessoas quando fogem. Estamos presos na passagem do sexto para o sétimo andar. É preciso tempo, paciência e um minigerador pra religar a trava e abrir a porta. Alguém grita, afastem-se. Uma descarga de néon, um baque e a porta abre somente trinta centímetros, por poucos segundos.

Lanternas desenham ideogramas no corredor escuro, lançam assinaturas tremidas nas paredes. Grunhidos. Máscaras tribais. Você acha trinta centímetros pouco espaço? Engano seu. É espaço mais do que suficiente para a passagem de uma seta envenenada. Um sopro, *fuuu*, e

sou picada na coxa, na barriga. Sinto as pernas quentes e moles. Mais setas atravessam a fresta. Pessoas caem ao meu lado. A quentura e a moleza sobem até meu pescoço, dominam a cabeça. Não é uma sensação ruim, talvez o veneno não seja realmente veneno, mas um narcótico, um tapa de amor, um puxão para o gozo nebuloso. O chão desaparece, o teto dança sem música. Ondas. Oceano. Sono profundo. Sou o chefe taino sequestrado, não adianta lutar, sou o homem antigo embarcado à força para outro mundo.

Sofro uma torção sensorial e volto à praia deserta. A praia cenográfica. Estou novamente nua, sem fome nem frio. Sem medo. A diferença é que agora eu sei que nada disso é real. Um cenário aprazível pode muito bem ser uma cela sem paredes nem grades. Voltei ao sonho lúcido. A areia, as ondas e as nuvens, tudo isso é invenção de minha mente aprisionada. Meu único relógio é mais uma vez a brisa empurrando os grãos de areia pra direita, sempre pra direita. Os dias passam trepidando as montanhas atrás de mim, e a planície depois das montanhas, e o horizonte depois da planície. Há quanto tempo estou aqui? Uma semana? Duas? Não sinto tédio nem preocupação. Gasto as manhãs contando os grãos de areia, as tardes abraçando a água, as noites nomeando as estrelas. Até o dia em que ele aparece.

Ele vem andando em minha direção. É bem cedo, o sol nasceu somente pela metade, transformando tudo apenas pela metade. Não importa. Ele vem andando em minha direção. Já está na praia, os pés deixando marcas fundas na

areia. Eternas. Eu sei, essas pegadas jamais desaparecerão. Ontem eu percebi uma mancha vindo das montanhas, mas não consegui ver direito o que era. Hoje eu vejo: é um homem. Ele está perto, os detalhes começam a aparecer. Magro, pele escura como a minha. Cabelo crespo, barba e bigode lisos. Onde ele pisa talvez floresçam magnólias. Talvez, no futuro. Primeiro as magnólias, depois um oásis inteiro. Ele vem andando em minha direção. Igual a mim, não veste nada. Parece não ter mais do que vinte e cinco anos, mas pode ter duzentos e cinquenta. Nunca se sabe.

Ele faz uma saudação com a cabeça e elogia a paisagem. A minha paisagem. Comenta que fazia tempo que não visitava um cenário de altíssima definição, com volumes tão nítidos e cores tão vibrantes. Depois pede desculpa pelo que aconteceu e pelo que vai acontecer. Fala sem mover os lábios. Seu sotaque é diferente dos outros, do pessoal do hospital. É um dos mil sotaques do mundo subterrâneo. Eu pergunto o que vai acontecer. Ele demora um pouco, até que finalmente responde:

— Precisamos dos seus órgãos.

Ele acaba de decretar minha sentença de morte. Engraçado, soou mais como uma declaração de amor. Como uma revelação religiosa, sagrada. Qualquer coisa ancorada na ternura do espanto. Ele explica que as pessoas que ama estão doentes. Meus órgãos salvarão muitas vidas. Eu pergunto por que ele e seus companheiros simplesmente não cultivam órgãos artificiais. Ele explica o óbvio: que o futuro nunca é para todos.

— O futuro é apenas pra quem pode pagar — ele completa, como se lesse meu pensamento.

Começamos a andar pela praia. Sinto uma pontada dentro de mim. Gostava mais do tempo em que a fronteira que separa o interno do externo era mais respeitada. Hoje o lado de dentro do corpo já não tem qualquer privacidade, todo mundo olha, todo mundo mexe. Estão retirando meu pâncreas. Desapareceu, pobrezinho. Se eu apalpar com força sei que a carne vai afundar um pouco e não encontrarei mais meu precioso fornecedor de insulina. Outra pontada, agora mais em cima. Como se um caçador muito delicado tocasse com a digital do indicador a testa de um animalzinho assustado. Estão retirando meus pulmões. Justo os pulmões, eu estava começando a gostar tanto de meus novos pulmões! O bisturi invisível vai separando os tecidos. Meus esconderijos já não são secretos, se a alma realmente existir a minha será encontrada rapidinho. Cansaço. Lá fora, no mundo real, seguem fatiando meu corpo. Sou uma loja que vai sendo saqueada devagar. Pergunto:

— O que sobrar de mim?

— Tudo. Nada será desperdiçado. Cada centímetro seu será doado a alguém. Os ossos, a pele, o sangue. Sobrar de tudo de você, mas em outras pessoas. Quando terminar, você será parte de uma pequena comunidade e ainda viverá bastante.

— Meu cérebro?

— Também será usado. Seu cérebro, suas próteses neurais.

— Por você?

— Acertou... Por mim. A cirurgia já começou.

— Eu sei. Por isso estamos juntos.

— Juntos mas separados. Seu cérebro está sendo acooplado ao meu. Ao que sobrou do meu. Ainda somos dois indivíduos compartilhando históricos diferentes.

— O que *sobrou* do seu?

— Uma doença infecciosa crônica. Muito corrosiva. Os detalhes são repugnantes, melhor deixar pra lá. A pior parte já passou. Faz dois anos que estou em coma, mas logo abrirei os olhos. Com sua ajuda.

— Logo nós dois abriremos os olhos.

Quando isso ocorrer, a praia desaparecerá novamente. O que acontecerá depois?

— Continuaremos juntos-separados por muito tempo — ele diz.

Andamos devagar, sentindo nos pés o gostoso vaivém das ondas. Tento imaginar o que é isso: duas mentes ocupando o mesmo corpo. Sentamos numa duna de areia e ficamos observando o oceano-sonho. Meu companheiro tem ideia do crime que está cometendo? Em breve eu acordarei no corpo dele. Viverei na comunidade dele. Seguirei suas leis, seus rituais. Serei pobre e desamparada como todos os moradores do subterrâneo. Comerei a comida de baixa qualidade, respirarei o ar de baixa qualidade. Serei cúmplice dele nos atos mais abomináveis. Para não envelhecer e morrer terei de pilhar o estoque dos hospitais, assassinar e roubar. Esse bonito rapaz ao meu lado não percebe o que está fazendo comigo? Macabro... Que tipo de crime é esse: sequestro, coação? Em minha própria praia!

Ele então fala que não seremos dois para sempre. Isso me assusta. Como não? Ele explica:

— Juntos-separados por muito tempo... Mas em vinte, trinta anos, as coisas vão começar a mudar. Talvez ocorra uma fusão perfeita, você e eu seremos um só. Não dá pra ter certeza. Nem sempre é assim. Talvez ocorra outra coisa: uma colonização pacífica, a mente mais forte ocupando o território da mais fraca, sem destruir nada. Na pior das possibilidades haverá um massacre: a mente mais forte devorará a mais fraca.

Quantas etapas existem entre a beleza e a feiura? Mil? Infinitas? Não quero mais pensar nisso. Estou muito cansada. Neste minuto já devem estar drenando meu sangue. Não quero mais saber do que vale a pena lembrar, do que vale a pena esquecer. De quantas maneiras é possível praticar e sofrer uma violência. Quando eu acordar de mais um abismo, conhecerei as delicadezas da miséria. Mas não há delicadeza alguma na miséria. Sutileza alguma. A miséria é tão bruta e primitiva e feroz quanto a opulência, varia apenas a cor dos olhos. Então esse é o resumo da ópera? Entre a feiura e a beleza não há muita diferença, são momentos análogos da grande crueldade. Da grande opressão que é a vida. Estou amarga. Muito amarga. Ele percebe isso e segura minha mão. Por que continuo quieta? Por que não ataquei, soquei, arranhei, mordi, joguei areia nos olhos dele? A paisagem é minha, eu podia ter feito o oceano verde subir e cair inteiro, vermelho, sobre o invasor negro. Mas não fiz. Sou a traidora de mim mesma, nunca

tive talento para o ataque. Ele passa o braço em volta de mim. Arrepio bom. A raiva está sendo extirpada junto com os rins. Ele me puxa pra mais perto. Medo gostoso. Ele pede que eu não seja tão severa comigo mesma.

— Impossível. — Eu respondo. — Sinto que o abismo finalmente está... Ele está... É muito maior do que eu. Impossível manter a calma, não sofrer. Como você consegue?

— Comigo é diferente. Eu nasci no abismo, esqueceu? Tenho mais medo da luz do que do escuro. Este cenário, por exemplo, é mais assustador do que tudo o que eu já vi. Só não entro em pânico porque você está aqui comigo. — Ele pensa um pouco, então completa: — Como eu faço pra manter longe o medo? Eu penso na gravidez.

— Que gravidez?

— Na minha gravidez. Uma vida pulsando dentro da outra. Você vivendo dentro de mim. É assim que será, ao menos por um tempo.

Perfeito. Em breve serei um feto habitando a cabeça de um estranho. Era só o que faltava. Muito poético. Muito patético. E nojento. A metáfora da gravidez exprime carinho e suavidade. Mas será que ninguém percebe que ela também expressa qualquer coisa de monstruoso? Que palhaçada é esta, uma criatura dentro de outra?! Estou acabada, combalida, consumida, desgastada, embotada, esfalfada, esgotada, exaurida, extenuada, gasta, moída, pregada, quebrada, quebrantada. Caramba, estou há quanto tempo saltando de cenário em cenário? Sendo levada de lá pra cá, pra quê? É torturante pra mim ser o objeto do amor desse

homem-lobo que de certo modo eu odeio, preciso odiar, é fundamental que eu odeie. Porém nem isso eu sei fazer direito, até isso eu terei que aprender: a odiar o homem que está grávido de mim. Vão à merda, caralho. Estou exausta. Muito cansada. Não quero mais ver, ouvir, cheirar, degustar, tocar. Não quero mais pensar. Bebam todo o meu sangue, levem embora meus sentidos e me deixem dormir.

— Eu também te amo.

Calor. A frase fica brincando no ar, generosa, abominável, sem que eu consiga saber quem disse isso, ele ou eu.

MECANISMOS PRECÁRIOS

Eu os imagino no final do século 19, devastando a cidade.

Ele pode ser negro, amarelo, vermelho ou branco.

Ela também pode ser negra, amarela, vermelha ou branca. Tanto faz. Para o propósito desta narrativa não importam muito as categorias do velho conceito antropológico de *raça humana*, hoje em desuso graças às pesquisas genéticas.

Então, por que não combinar as possibilidades? Ou as impossibilidades sociais do final do século 19?

Ele pode ser negro e ela, amarela. Ela pode ser branca e ele, vermelho.

Eu os imagino jogando uma partida de xadrez. Ou numa batalha titânica primeiro em alto mar, depois na terra, depois no ar.

O idioma falado também não importa muito. Mesmo se ela for japonesa, indiana, queniana, alemã ou argentina e mesmo se ele for australiano, chinês, egípcio, francês ou mexicano, para o propósito desta narrativa os dois falarão português.

Eu os imagino jovens e bonitos. Disso não abro mão: da juventude e da beleza.

Pensando bem, eles não precisam ser necessariamente jovens e bonitos pra mim ou pra você, desde que *pareçam* jovens e bonitos aos próprios olhos.

Os dois não são Abelardo e Heloísa ou Romeu e Julieta — lembre-se, estamos no final do século 19 —, mas estão perdidamente apaixonados um pelo outro.

O amor é o filtro que modifica tudo, aperfeiçoando a idade e a aparência até mesmo de ogros e ciclopes.

Eu os imagino bem-vestidos, bem-educados e afetados.

Para o propósito desta narrativa não importa se ela é uma caiapó, uma axânti, uma tchetchena ou uma sefardi.

Tampouco importa se ele é um mongol, um malê, um persa ou um esquimó.

Para o propósito desta narrativa, seja de que etnia forem, eu os imagino bem-vestidos, bem-educados e afetados, vivendo numa metrópole industrial do final do século 19.

A partida de xadrez pode estar sendo disputada num amplo salão de festa, num magnífico jardim ou no terraço de um luxuoso edifício.

Essa partida é na verdade apenas uma analogia literária. Ela representa todos os embates dualistas do universo: masculino *versus* feminino, razão *versus* emoção, dia *versus* noite, vida *versus* morte, bem *versus* mal.

Antes de você xingar este narrador, antes de você me chamar de misógino maniqueísta filho da puta, saiba que não foi escolha minha alinhar à esquerda *masculino, razão, dia, vida e bem* e à direita *feminino, emoção, noite, morte e mal*.

Se quiser enforcar o verdadeiro culpado, enforque a verossimilhança. Eu apenas estou reproduzindo a mentalidade de uma metrópole industrial do final do século 19.

Eu imagino o homem jogando com as brancas. A partida já está na metade. Eu o imagino avançando sua única torre para a sexta casa do rei e dizendo:

Xeque.

Eu imagino esse homem enfiando furiosamente a proa de seu transatlântico a vapor, batizado de SS Great Western, no casco desguarnecido do transatlântico da mulher, batizado de SS Great Eastern.

O xeque e o choque são apenas analogias, é claro. Mas a fúria do homem é real.

Ele xinga e atira coisas na parede.

Ele diz:

Outro homem. Você foi pra cama com outro homem, seu corpo foi beijado e penetrado por outro homem. Essa traição eu não perderei jamais. Você perdeu sua dignidade. Agora eu estou perdendo a minha apenas conversando com você, apenas respirando o mesmo ar. Em breve todo o Ocidente também perderá a dignidade, se você insistir em continuar respirando. O que será do Ocidente, fala pra mim? As pessoas não terão coragem de sair de casa. Não haverá mais reuniões nem confraternizações. A histeria e a melancolia cobrirão as cidades com uma nuvem negra. Os animais domésticos serão os primeiros a morrer sufocados. Depois as crianças.

Eu imagino a mulher jogando com as pretas. Eu a imagino recuando seu único bispo para a quinta casa da rainha e dizendo:

Xeque.

Eu imagino essa mulher puxando uma alavanca no painel de controle de seu navio a vapor. Eu imagino o movimento das engrenagens e dos eixos rotativos, a longa lança de um guindaste descrevendo um semicírculo e arrasando a popa e as hélices do navio do homem, quase atingindo o passadiço.

Também é real a fúria da mulher.

Ela rasga cartas, chora e diz:

Se as estrelas e a lua não brilham mais, a culpa é do egoísmo dos machos, que oprime as fêmeas. Você pensa que eu sou caprichosa e ingrata. Você pensa que fui pra cama com outro homem porque você é um amante ruim. Isso não é verdade. Eu fui pra cama com outro homem apenas por vingança. Você diz que me ama, mas continua passando as tardes livres com outras mulheres. As mesmas cartas de amor, veja isso, você enviou às outras mulheres as mesmas cartas de amor que enviou a mim. Vingança, está entendendo? Vingança. Eu sou perfeitamente capaz de amar um homem ruim de cama. Desde que esse homem me satisfaça de outra maneira.

Eu imagino o homem também puxando uma alavanca no painel de controle do SS Great Western. Eu imagino os cabos de aço escorregando nas roldanas, movendo pra fora do casco duas gigantescas pernas de canguru. Depois a cauda e os punhos.

O navio a vapor não é mais um navio, é um marsupial mecânico agora posicionado em terra firme, pronto para o pugilismo.

Eu imagino o SS Great Eastern também ganhando pernas, cauda e punhos de canguru, depois saltando pesadamente ao encontro do adversário.

A planície treme.

Jabs, cruzados, ganchos e arranhões atiram longe porcas e parafusos. O óleo vaza da boca e dos olhos. Um golpe desferido abaixo da cintura perfura uma caldeira e os brigões desaparecem numa névoa espessa.

Ele diz:

Como poderei viver a partir de agora? Você matou a dignidade de meus dias. Não entendo por que você me trata assim. Não entendo por que o mundo me trata assim. Sempre fui honesto e íntegro. Meu maior defeito é a generosidade. Essas mulheres... Elas simplesmente se aproveitam de minha bondade visceral. São pobres coitadas carentes de afeto e atenção. Eu fujo delas, escapo correndo dos cafés e dos restaurantes, mas as malditas sempre me encontram. Eu imploro: não, por favor, não. Mas lábios quentes calam minha boca e delicadas mãozinhas arrancam minha roupa. Desesperado, eu penso em você. Imploro, invoco em pensamento. Mas você nunca vem me salvar.

Ela diz:

Até hoje só você conseguiu me desmoralizar tanto. A verdade é que no início de nossa história foi estimulante lidar com sua fantasia exacerbada, suas manias messiânicas. No seu mundinho sagrado você é João Batista santificado e todas as mulheres são Salomé devoradoras. Viver ao seu lado é mi-lagroso e penoso ao mesmo tempo. Talvez você consiga amar

genuinamente, mas isso não dura nem uma volta do planeta ao redor do sol, dura? Você é tão centrado e concentrado em si mesmo que nem percebe tudo o que uma mulher precisa suportar pra estar ao seu lado. Seu conceito de amor é algo muito particular, muito bizarro. É algo que só você compreende.

Eu imagino o homem puxando outra alavanca no painel de controle do canguru SS Great Western. Eu imagino os cabos de aço escorregando novamente nas roldanas, fazendo surgir no casco duas poderosas asas de libélula. Canhões de grosso calibre brotam no convés.

O homem levanta vôo.

Do alto ele começa a disparar contra a adversária.

A planície treme novamente.

Eu imagino o canguru SS Great Eastern também ganhando asas de libélula e canhões, depois voando pesadamente ao encontro do adversário.

Eu imagino o grito agudo do vento nas agulhas de aço, o estresse das fornalhas e das chaminés — muito carvão, muita fuligem —, a adrenalina pressionando pistões dentro de cilindros coléricos.

Explosões. As nuvens rodopiam, os dirigíveis fogem.

Cem metros abaixo, a metrópole vitoriana sofre mais com os disparos do que os próprios oponentes. Rebites supersônicos atravessam toldos e sombrinhas. Canos flamejantes dispersam as carruagens e os tilburis.

O engenho humano golpeando o engenho humano.

As paredes de uma loja de departamentos vêm abaixo. Vão pelos ares cartolas e espartilhos.

Eu imagino pinças de caranguejo e presas de morsa trespassando e dobrando fios e placas.

Eu imagino o dia recuando, a noite empurrando o crepúsculo pra fora do palco, o clarão dos lampiões a gás desenhando quadriláteros no mapa urbano, as máquinas de guerra tingindo a face da lua cheia com rojões e girândolas multicoloridas.

Eu só não podia imaginar que o homem e a mulher, no auge da batalha, o tabuleiro pegando fogo, bispo contra rainha, peão contra rei, xeque, enfim eu só não podia imaginar que os dois olhariam pra cima. Para as estrelas. Em minha direção.

Mesmo descabelada, o suor borrando a maquiagem, a mulher franze o cenho, investiga o céu e grita:

Quem é você?

Igualmente esfalfado, o homem completa a pergunta da companheira:

Deus? Você é Deus?!

Eu fico quieto. Absolutamente quieto.

Silêncio total.

Os pensamentos bem trancados dentro do crânio. Sem mover um dedo, uma estrela.

Devo passar incógnito.

Mas o homem e a mulher não desistem. Eles sabem que estou aqui, moldando o mundo, controlando tudo.

A mulher não para de gritar.

O homem, muito mais apreensivo do que ela, balbucia qualquer coisa e não diz mais nada. Não consegue.

Sinto pena do casal.

Para o inferno o protocolo.

Resolvo fazer contato.

Alô.

Eu imagino a mulher dando um passo atrás, sem saber o que fazer com as mãos agitadas.

Eu imagino o homem tomando no susto a dianteira, o gesto reflexo suplantando a coragem.

Vamos ao diálogo. Eu imagino a conversa desenrolando-se mais ou menos assim:

Ele: Você é mesmo Deus?

Eu: Não.

Ela: Quem é você?

Eu: Apenas o autor.

Ele: O autor? De quê?

Eu: Da história de vocês. Se me permitem a analogia: eu trabalho com mecanismos pequenos e delicados, de corda. Sou um relojoeiro literário.

Ela: Nós somos apenas personagens?

Eu: Exatamente. Vocês são os protagonistas de um conto. Se me permitem outra analogia, vocês são figuras de madeira e papel num saboroso teatrinho de sombras.

Ele: Eu sabia! Eu já desconfiava disso.

Ela: Não seja ridículo. Agora você diz que já sabia. Um minuto atrás você não parava de falar em Deus.

Ele: Eu não tinha certeza. Mas sentia que algo estranho estava acontecendo. As falhas de memória... A falta de detalhes sobre nós dois... Você nunca se questionou sobre seu passado? Sobre nosso passado? Por exemplo: quando foi que nós nos conhecemos? Onde foi?

Ela: É verdade... Não lembro.

Eu: Este é um conto curto, pra deleite rápido. Vocês não recordam detalhes do passado porque eles não são relevantes pra esta narrativa. Os pormenores biográficos ficam melhor em romances, não em contos. O leitor já percebeu que vocês viveram uma intensa história de amor, mesmo sem saber como ela começou, quem são vocês, onde e quando se conheceram. Vocês não têm nem mesmo um nome próprio. Para o propósito desta narrativa não importam a infância e a juventude de vocês, somente os momentos finais, o fim dramático dos amantes. O ciúme e o rancor promovendo a destruição.

Ele: O fim dramático dos amantes?!

Ela: Você planeja nos matar?

Eu: Infelizmente sim. Porém farei de um jeito que todos pensem que foram vocês que se mataram. Como eu disse, movidos pelo ciúme e pelo rancor. É mais interessante assim.

Ele: Filho da puta!

Ela: Que espécie de psicopata assassino é você?

Eu: Da pior espécie: um escritor. Eu sempre mato meus protagonistas depois de torturá-los bastante. Isso libera no leitor certas emoções, certas tensões reprimidas. Empatia. Catarse. Nem sempre sinto prazer agindo assim. No início da carreira eu procurava os finais menos violentos, mais delicados. Mas logo descobri que o leitor prefere a tragédia. Quanto mais sofrimento, quanto mais sangue melhor.

Ele: Sádico desgraçado!

Ela: Por que você não evita o estereótipo? Por que não foge do lugar-comum?

Eu: Evitar o clichê... Eu gostaria muito. Mas os credores não deixam. Não sou sádico nem sacana, não faço isso por prazer. Tenho uma família pra sustentar. Minha mesa está cheia de contas atrasadas.

Ele: Desde quando os escritores viraram reféns dos leitores?

Eu: Desde sempre.

Ela: Mas você não precisa matar os dois. Conheço muitas histórias em que apenas um dos amantes morre.

Eu: Você está certíssima. *O vermelho e o negro*, *Anna Kariênina*, *Madame Bovary*, *Dom Casmurro*... Mas, acredite

em mim, seria mil vezes pior. Para o sobrevivente, quero dizer. Seria prolongar seu sofrimento. Se vocês quiserem, posso fazer. Posso matar um e poupar o outro. Mas não posso deixar o sobrevivente envelhecer em paz. Ele vai ter que sofrer. De remorso, de saudade, de angústia, não importa. Ele vai ter que sofrer muito. Senão eu perco o leitor. Escolham. Quem vai morrer e quem vai sofrer?

Ele: O leitor? Quem é esse leitor?! Certamente um pervertido.

Ela: Não vamos fazer escolha alguma. Nossa história não pode terminar assim. Ele é o homem da minha vida. Seria muita crueldade separar a gente tão cedo.

Eu: Mas vocês estavam se matando!

Ele: VOCÊ estava nos matando! VOCÊ estava nos manipulando!

Ela: Por que você escreve essas histórias infelizes? Não acredita no amor?

Eu: É complicado. Não tenho escolha. Eu já disse: o leitor...

Ele: Mentira. Você não acredita no amor e escreve histórias pra gente que também não acredita no amor. Essa é a verdade. Confessa.

Eu: Essa é a verdade. Eu não acredito no amor e escrevo histórias pra gente que também não acredita no amor.

Ela: Simples assim?

Eu: Simples assim. Podemos continuar? Escolham. Quem vai morrer e quem vai sofrer?

Ele: Não vamos fazer escolha alguma.

Ela: Você é a pessoa mais triste que já conheci. Triste e rancorosa.

Eu: Escolham logo. Não tenho a noite toda.

Ele: Os dois. Pode matar nós dois.

Ela: Isso deixará o leitor muito satisfeito.

Eu: Vocês é quem sabe.

Diálogo encerrado.

Eu não devia ter quebrado o protocolo. Foi um erro.

Vamos em frente, sem arrependimentos.

Eu imagino a mulher voltando para a mesa e dando um tapa nas poucas peças de xadrez que ainda estavam no tabuleiro.

Eu imagino o homem se aproximando e abraçando a mulher por trás.

A narrativa, assim como todo o século 19, caminha para o desenlace.

Disparos e estrondos. Chuva de carvão em brasa.

(Talvez aqui fosse interessante inserir um personagem secundário. Alguém situado na metrópole em chamas, acompanhando a batalha de longe. Uma alternância de perspectiva sempre confere certo dinamismo a uma narrativa. Eu poderia inserir um velhote tentando escapar dos desmoronamentos e das carruagens desembestadas. Um velhote, um cocheiro azarado... Não sei. Talvez uma mulher com duas crianças. É isso. Crianças em perigo sempre sensibilizam o leitor. Uma costureira e seus filhos pequenos.)

Eu imagino os gritos da metrópole vitoriana, as explosões nas ruas e nas pontes, a queda dos edifícios, um rebuliço de cúmulos-nimbos ao luar, o canguru alado SS Great Western jogando todo seu peso contra o canguru alado SS Great Eastern, as asas de libélula se desprendendo e voando pra longe, os dois corpos mecânicos despencando das alturas num abraço raivoso, o impacto abrindo uma imensa cratera no centro da cidade, a nuvem de poeira e óleo queimado invadindo as ranhuras e os orifícios.

(Postes tombam, ruas afundam, a mulher e seus filhos escapam por um triz. Os três cortam caminho por um parque. Eles ainda não sabem, mas o marido da costureira — o pai das crianças — morreu a muitos quarteirões daí, atingido por um disparo de canhão. O leitor ficará comovido com essa fatalidade.)

Porém a queda não desfaz totalmente o abraço.

Mesmo bastante atordoada, a mulher continua manipulando as alavancas e os botões do painel de controle.

Metade de sua máquina de combate ficou pra trás, reduzida a fragmentos e fuligem. Mas a outra metade ainda é capaz de provocar muito estrago no adversário.

Uma cotovelada no abdome.

Um joelho na virilha.

Mais edifícios desabam no rio que corta a cidade.

Ainda caída, a máquina do homem revida com um chute meio torto, que atinge em cheio o peito da máquina oponente.

Eu imagino os dois amantes preparando o último golpe. O homem, um soco definitivo, que irá pulverizar o que

sobrou do SS Great Eastern. A mulher, um disparo final, que irá explodir o passadiço do SS Great Western, incinerando seu único ocupante.

(Onde estarão a costureira e os filhos? Penso muito nessa costureira. Coitada. Onde estará? Escondida embaixo de uma ponte de pedra, ao lado de outros desabrigados? Morta, atingida por um estilhaço fumegante? As crianças agora sozinhas... Órfãs. Pobrezinhas. Que situação tocante. O leitor deixará escapar no mínimo um suspiro. Quem sabe uma lágrima, se eu usar as palavras certas.)

Eu imagino o homem e a mulher desferindo o golpe fatal. Que não vem.

Contra tudo o que eu planejei, o golpe congela. Para no meio do caminho.

Então o que restou do SS Great Western e o que sobrou do SS Great Eastern se encontram num abraço triste e desesperado que dura quase um minuto. Depois desabam. Um trovão ecoa e silencia.

Cercada pelas ruínas do centro metropolitano, a pilha de sucata parece uma anacrônica pirâmide asteca.

O homem sai com dificuldade do passadiço em frangalhos.

A mulher o encontra numa clareira protegida do fogo e da fumaça pelo vento.

Então, o beijo. Contra tudo o que eu planejei, o beijo sôfrego. No pescoço, na bochecha, na boca. O encontro das línguas macias.

As mãos começam a procurar as saliências, os dedos

soltam os botões e os fechos. Surge um seio suado, uma coxa com marcas de óleo.

Os trapos sujos vão ficando no chão, formando um tapete perfeito para o amor delirante.

O homem quase desperta do transe, quase fala qualquer coisa, mas a mulher pede silêncio, *ssshhhhhh*, pousando o indicador sobre os lábios dele.

Não há mais hesitação, somente arquejos e unhas na carne.

Laços são desfeitos, cordões caem, surge outro seio.

Fico tentado a lançar um asteroide contra os dois e acabar com essa desobediência, mas resisto. Observando a cena, eu me sinto no vácuo, tenso, suspenso em outra dimensão.

Não vão desgrudar nunca?

O pescoço da mulher parece ter sido feito pra ser mordido. Seu cabelo cheio de luz, pra ser cheirado e agarrado.

Contra tudo o que eu planejei, o homem penetra a mulher, subjugando sua cintura, limitando o movimento de suas coxas. Ela o abraça novamente, apertando com tanta força que ele quase não consegue respirar.

Não há mais raiva, apenas o vigoroso movimento de ancas e o orgasmo.

O gozo fabuloso e a sensação de plenitude. Contra tudo o que eu planejei.

Cada cidade no planeta tem sua coleção particular e personalizada de nuvens. Então a primeira coisa que Efraim gosta de fazer, ao descer de um avião apertado, é admirar as nuvens sobre o aeroporto. Se estiverem crescendo e rosnando, Efraim sabe que não é bem-vindo e o melhor a fazer é partir assim que possível. Mas se estiverem vibrando e sorrindo de modo malicioso, ele sabe que chegou à cidade mais afetuosa de todas: a sua. E neste momento, incitadas pelo sol do meio-dia, as nuvens sobre São Paulo estão vibrando e sorrindo com o dobro de malícia.

Os degraus da escada rolante sussurram e suspiram e conduzem pra baixo uma cantilena quase inaudível, numa língua mecânica mal lubrificada. Efraim entra no táxi e tira da mochila seu cubo mágico. A viagem é longa, mas quem se incomoda? As redes sociais existem justamente pra atenuar o sofrimento no trânsito, no metrô, na fila do banco.

Face a Face é a rede social do momento. Mais da metade da população mundial passa mais da metade do dia conectada a ela. É o clube de campo e a praça pública, é o playground e a associação de jovens, é o ponto de encontro de todas as possibilidades afetivas e subjetivas. É o domínio do erotismo e da sondagem espiritual. Dizem que em breve será possível se conectar até durante o sono.

O cubo mágico projeta uma esfera holográfica. Efraim cantarola a senha e sua página prateada no Face a Face aparece imediatamente. Há dezenas de mensagens endereçadas ao rapaz. São dezenas de ondas tropicais capazes de revelar as paisagens mais prazerosas. Cinco de uma garota desconhecida, mas muito atraente, chamada Sofia, oferecendo amizade virtual. Insistente, a danada. Aceitar ou não aceitar? Efraim espia o perfil da garota: paulistana, vinte e cinco anos, solteira, dentista, cinco amigos em comum. Decide aceitar. Quem sabe no final não rola um chope, um jantar ou algo bem menos virtual, mais carnal. Algo face a face e púbis a púbis.

Vertigem branda. Numa curva bem longa e aberta, a sensação de que a realidade é um carrossel com nuvens e prédios de papelão ao redor, essa sensação amarela domina todas as demais. Efraim envia uma mensagem a Sofia e logo recebe a resposta. “Garota rápida”, ele sorri. A resposta é curta. Efraim fica apreensivo. “Esquisito.” Lê outra vez. É um pedido desesperado:

Onde você está? Preciso ver você.

O arco-íris da fantasia erótica começa a se desfazer. Só pode ser um golpe, mulher bonita e desconhecida querendo um encontro urgente é perigo na certa. No mínimo assalto, talvez até morte. Nuvens escuras passam pesadamente à direita, rolando como grandes rochas assassinas. Efraim decide resistir à tentação e descartar rapidinho Sofia de sua vida. Mas logo chega outra mensagem:

Estou morrendo de medo, minha família desapareceu, os vizinhos sumiram. Por favor, me ajude.

Efraim escuta um alerta no fundo da mente: perigo. Na África ou na Ásia um avião explode na decolagem, um meteoro devasta uma floresta, essas coisas acontecem o tempo todo, dá pra saber de longe, pela vibração que atravessa o asfalto e as pupilas dos gatos. O aviso de perigo continua cintilando no mais fundo do fundo do vale profundo. Efraim se torna um grande coração arisco. O bom senso manda romper imediatamente qualquer conexão com Sofia. Mas o rapaz-miocárdio hesita. E digita o óbvio:

Você já chamou a polícia?

Dessa vez a resposta demora a chegar. Efraim fica matutando. É melhor fechar a página e desligar o cubo mágico. Mas ele não fecha nem desliga nada. Os olhos virados pra dentro ficam procurando na altura da nuca um interruptor imaginário capaz do maior dos prodígios: fazer a coisa certa. Em outras palavras, tomar a decisão vitoriosa. O táxi desce um viaduto e entra na rua onde Efraim mora, cheia de lombadas. A resposta de Sofia chega com um pequeno solavanco:

Chamei, é claro que chamei. Não há mais polícia, não há mais ninguém. Você é a única pessoa que eu consegui contatar. As ruas estão desertas, estou morrendo de medo. Onde você está? Por favor, me ajude.

O rapaz não responde imediatamente. Está sentindo um formigamento na ponta dos dedos. Uma dormência

que vai subindo pelo braço até paralisar o pensamento. Isso tem até nome. É *paúra*. O engraçado é que há certa alegria nessas alfinetadas envenenadas. É o regozijo do rei acuado, mas esperançoso: apenas xeque. Nada de xeque-mate. Ainda não.

O táxi estaciona ao lado de um prédio meio encardido. Efraim acorda do surto letárgico e paga a corrida. O que acontece em seguida é mais parecido com um sonho. Ou um videoclipe em preto e branco. Apesar dos lapsos de continuidade, Efraim se lembra que tomou um banho e trocou de mochila. Agora ele caminha em direção a um shopping center. Também se lembra que o encontro na praça de alimentação foi sugestão sua. Ele pesquisou no mapa e viu que Sofia mora perto do shopping.

É impressionante como os pequenos operários e as grandes máquinas adoram construir shoppings. Trabalham igual a cupins e abelhas, sem consciência do que estão fazendo. Vão cavando e empilhando. “Não conheço ninguém que não more perto de um shopping. Dez anos atrás não era assim. Se isso continuar, logo todas as pessoas estarão morando *dentro* de um shopping.”

Efraim coloca o cubo mágico na mesa, pede um café expresso duplo e uma porção de minipães de queijo. O atendente deve ser a única pessoa em toda a praça de alimentação que não está com o nariz enfiado no Face a Face. Dezenas de cubos mágicos e páginas holográficas prateadas movimentam as mesas próximas. Que beleza, a dança dos elétrons: correntes invisíveis ligam cabeça

com cabeça com cabeça com cabeça com cabeça numa delicada cabeçaria a perder de vista.

Na hora combinada Sofia não aparece. Mas envia uma mensagem:

Já cheguei. Cadê você? Diga que está vindo, por favor!

Efraim olha em volta. Não vê nenhuma garota minimamente parecida com a do vídeo postado na rede social. O local do encontro está certo, a hora também. A nova dúvida é: passar ou não passar seu número de celular? (O que recomendariam as nuvens sobre o shopping, se opinar sobre a vida alheia fosse um de seus atributos?) Horas atrás Sofia passou o número do celular dela e implorou a ele que telefonasse, mas ele não quis arriscar.

Nova mensagem:

Efraim, cadê você????????? Não faça isso comigo, desgraçado, você foi a única pessoa que eu consegui contatar!

Efraim faz uma careta, dá uma bicada no café e finalmente telefona pra garota:

— Oi, sou eu.

— Efraim? Jesus seja louvado! Cadê você? — Sofia soluça baixinho, prende o choro, tenta falar sem gaguejar. — Cheguei faz meia hora. O shopping está deserto. Não tem ninguém na praça de alimentação.

— Então é evidente que não estamos no mesmo shopping, ora. Aqui está cheio de gente.

Efraim começa a aceitar a triste verdade: “Essa garota é louca. Sou um imbecil. Estou dando trela pra uma maluca incurável. Desligue logo esse telefone, seu idiota.” Mas o rapaz

não desliga. É claro que a garota é louca de pedra. Tão louca quanto linda. É óbvio que essa conversa não terá qualquer futuro virtual ou carnal. Se ao menos Sofia fosse do tipo maluca de carne e osso... “Perda de tempo. Tá na cara que ela é do tipo doida-fantasma, que atíça mas não aparece.”

Mas Efraim não desliga.

Por que não desliga?

Uma sensação sub-reptícia o impede. Minutos atrás parecia haver mais gente na praça de alimentação. O que aconteceu? Metade foi embora? Efraim não notou sua saída. Em plena happy hour setenta por cento das mesas estão vazias. Isso é incomum. Sofia diz qualquer coisa, mas o rapaz não escuta. Está meio surdo, pensando. O táxi fez a viagem do aeroporto até sua casa em pouquíssimo tempo. O trânsito estava bom demais. Poucos veículos. O saguão do aeroporto também estava bastante sossegado. Pouca gente. Muito, muitíssimo incomum. Ou não?

— Efraim, você ainda está aí?

— Sofia, quando as pessoas começaram a desaparecer?

— Duas semanas atrás, talvez três. Não sei direito. No início eu não estava prestando atenção.

— Você está no café da praça de alimentação? No *único* café da praça de alimentação?

— Estou, já disse, cacete! Cheguei faz um tempão. — Ela funga. Assoa o nariz. — Estou em pé, perto da caixa registradora. Cadê você?

— Estou na mesinha perto da porta, olhando pra caixa registradora.

— Não está, não!

— Estou, sim, e não estou sozinho. Tem outras pessoas por perto.

Agora é a vez de Sofia ficar muda. Há muito vermelho em toda a parte, a luz do sol atravessa a claraboia formando uma auréola profana no centro do cenário. Se garoasse, o efeito óptico seria até mais interessante. Xô, devaneio. O silêncio paralisa o raciocínio de Efraim. É impressão sua ou há menos gente na praça de alimentação? O rapaz sente o medo congelando novamente a ponta dos dedos. Paúra. Agora há apenas cinco pessoas nas imediações, conversando no Face a Face. O oceano fúcsia de mesas e cadeiras vazias é uma visão assustadora.

— Sofia, suspeito que sei o que está acontecendo.

A garota não responde. A ligação caiu. Efraim volta ao cubo mágico, tenta a comunicação de áudio e vídeo em tempo real, mas não consegue. Está desativada ou infectada por um vírus. Então o rapaz envia uma mensagem:

Desconfio que você está numa realidade paralela.

Sofia grita em letras maiúsculas duas perguntas histéricas:

ISSO É UMA PEGADINHA? QUE PALHAÇADA É ESSA?

Efraim:

Não foram as pessoas que desapareceram, foi você. Desconfio que você está no mesmo shopping que eu, no mesmo café, mas numa realidade diferente.

Dessa vez a resposta da garota demora a chegar. Sofia certamente deve estar curtindo as cinco fases

psicológicas desencadeadas pela tragédia: “Isso não pode estar acontecendo, é surrealista demais” (negação), “Caralho, por que comigo? Não é justo!” (raiva), “Se eu conseguir escapar dessa, Jesus, prometo que serei uma pessoa melhor” (negociação), “Desisto, ah, está tudo perdido, não vale a pena lutar contra isso” (depressão), “Paciência, a vida é assim mesmo, cedo ou tarde as coisas vão se ajeitar” (aceitação).

Enquanto espera pela resposta, Efraim observa as poucas pessoas na praça de alimentação. Apenas três. Engraçado, parecem fora de foco, translúcidas. De repente duas desaparecem sem deixar vestígio. Simples assim: *puf*.

Sofia, mais calma:

Estou cansada e com fome. Vou procurar algo pra descongelar e comer. Também preciso de uma cerveja. Mais de uma. O lado bom de morar num mundo sem mais ninguém é que posso entrar num restaurante e pegar o que eu quiser, sem pagar.

Efraim:

Ainda bem que existe um lado bom nessa doideira. Parece que em pouco tempo eu também estarei num mundo sem mais ninguém. As pessoas estão desaparecendo na minha frente.

Sofia:

*Na verdade, segundo a sua própria teoria, é **você** quem está desaparecendo na frente de cada uma dessas pessoas.*

Efraim:

*Tanto faz. Pelo visto **todo mundo** está desaparecendo na frente de todo mundo. O planeta inteiro. Logo cada cidadão vai estar em sua exclusiva realidade paralela.*

Sofia:

Separados, mas em contato. Ainda podemos conversar pelo Face a Face.

Efraim:

É verdade. Separados, mas em contato. O mundo todo, cada um no seu planeta. Mas quem garante que... É uma suposição que estou tendo agora... Quem garante que essa separação não foi provocada pela própria rede social?

Sofia:

Está dizendo que eu e você... Que todos os usuários estão sendo catapultados? Por uma falha no sistema?

Efraim:

É só uma suposição. Também preciso urgentemente de uma cerveja. Estou sozinho e em estado de choque, devo estar delirando.

Sofia:

Então vou rezar pra que não aconteça outra maldita falha, seria horrível perder até mesmo esse fiozinho de comunicação.

...

Efraim?

...

Efraim?!

MEMÓRIAS

“Mãe... Você tá aí? Mãe?”

“Não, não acende... Droga, Judite. Apaga a luz, por favor.”

“Que é isso, mãe? Onde você conseguiu essa arma?!”

“Apaga a luz, droga!”

“Ah, de novo, não. De novo, não.”

“Apaga!”

“Essa arma... Pra quê?”

“Eu mandei você apagar a luz. Não vou falar novamente.”

Silêncio. Imobilidade. Tudo fica quieto, tudo para. Menos as esferas cromadas, que continuam rolando lá fora na avenida. As esferas e os besouros no jardim. Os besouros fosforescentes, que ziguezagueiam e sussurram para as estrelas: apaguem a luz, apaguem a luz, apaguem a luz...

“Tudo bem, mas vou deixar a luz do corredor acesa.

Essa arma... Põe ela no chão, vai. Você quase morreu da outra vez. Põe ela no chão, por favor. Você anda muito esquisita. Que deu em você, hein? Faz três dias que você não dá notícias, não atende o telefone. Sumiu, evaporou. Eu fiquei muito preocupada. Onde você estava?”

“Onde eu estava...”

“Eu fui ao banheiro e quando voltei você tinha sumido. No restaurante. Eu fui ao banheiro, antes da sobremesa... Você simplesmente foi embora sem falar nada. Muito estranho. Sua bolsa ficou em cima da mesa.”

“Onde eu estava...”

A mulher mais velha, meio desfalecida na poltrona, solta o braço e esbarra a mão livre na garrafa quase vazia, que ameaça tombar. A garrafa quase vazia. Que não tomba, só ameaça. A mulher mais jovem, sentada a contragosto na cadeira, não sabe o que fazer com as mãos, que ora estão entre as coxas, ora alisando os braços, ora no cabelo. Os sentidos. Os seus cinco sentidos estão tão alertas que ela percebe até mesmo a conspiração dos ácaros ao redor da cadeira.

“Você tá esquisita. Você bebeu? Eu vou chamar o...”

“Para. Você não vai chamar ninguém. Senta aí.”

“Mãe...”

“Senta aí!”

“Tudo bem. Mas abaixa... Por favor, não aponta pra mim. Sou eu, sua filha.”

“Senta aí!”

“Tudo bem, tudo bem. Você bebeu, né? Você sabe que não pode.”

“Onde eu estava...”

O mapa da cidade. As ruas e as avenidas. O mapa do Estado. As estradas e as rodovias. O horário e o itinerário dos trens e dos ônibus. Tudo isso vem à mente da mulher mais velha, que estremece. Todos os mapas, todos os horários, todos os itinerários surgem ao mesmo tempo, sobrepostos. A mulher mais velha. Sua mente é paralisada pela confusão de linhas contínuas e tracejadas, verdes e vermelhas. Na estação do metrô o murmúrio do concreto e da eletricidade era insuportável. Decidiu ir de trem. A mulher

mais velha. Mas o atrito das temperaturas, a discussão do frio com o calor, ah, não, o atrito das temperaturas paralisaria sua mente. Decidiu ir de ônibus.

“Posso telefonar? O papai pode ajudar. Você não parece nada bem. Tá todo mundo muito preocupado, a gente procurou você em toda parte. Eu vim aqui três vezes! Onde você estava?”

“Onde eu estava? Fugindo... É, fugindo. Mas eles me encontraram. Não adiantou sair da cidade, não adiantou viajar pra longe. Eles me encontraram.”

“De que você tá falando, mãe? Fugindo? Fugindo de quem? Que história é essa? Quem encontrou você, quem são eles?”

“Você sabe muito bem! Você sabe, porque você está com eles!”

A mulher mais jovem pensa em sair correndo. Ela sabe que sozinha não conseguirá lidar com a mulher mais velha. Ela sabe que tem algo muito errado nessa história toda, ela sabe que precisa pedir ajuda. Mas o celular ficou dentro da bolsa e a bolsa ficou no aparador lá embaixo.

“Mãe, tenta se acalmar. A gente não pode ficar aqui a noite toda, eu preciso avisar os outros que você está aqui.”

“Os outros...”

“Por favor, me deixa telefonar.”

“Os outros... Aqui.”

“Mãe... Posso telefonar? Eu prometo que...”

“Quem é você? Quero dizer, quem é você realmente? Por que vocês estão fazendo isso comigo?”

“Merda. Desse jeito a gente não vai...”

“Você não é minha filha. Você não é a Vanessa. Que palhaçada é esta?”

“Judite, mãe, eu sou a Judite. Para com isso. Meu nome é Judite, não Vanessa.”

“Judite.”

“É. Sua filha, a Judite.”

“Eu telefonei pra Vanessa. Ontem. Eu telefonei e ninguém atendeu. Depois eu telefonei pro Gustavo. Nada. Ninguém atendeu. Então eu tentei no escritório. Sabe quem atendeu? O sócio dele, o Alexandre. Sabe o que ele disse?”

“Não, mãe, eu não sei o que ele disse, eu nem sei, merda, eu nem sei quem é esse Alexandre, quem é essa gente.”

“Morto... Foi o que ele disse: morto.”

“Que merda é essa?”

“Meu filho tá morto, sua vagabunda! Meu filho. Minha filha. Os dois estão mortos! Tá entendendo?!”

O gato da casa aparece na soleira acarpetada, vasculha a penumbra e segue em frente, sem dizer nada. Adeus, bichano. Vai brincar lá fora com os pirilampos e o espírito dos eucaliptos, sempre tão eloquentes. Vai logo, deixa em paz as mulheres e o edredom embolado ao lado da cama. Vai viver sua aventura felina, você sabe que nada do que é humano lhe pertence.

“Mãe, eu sou sua única filha.”

“Cala a boca.”

“Mãe, você não...”

“Cala a boca!”

“Tudo bem, por favor... Não aponta pra mim. Por favor.”

“Vanessa era minha filha, Gustavo era meu filho, e agora os dois estão mortos. Como você explica isso? Fala!”

“Eu não sei, eu não sei. Juro!”

“Para de chorar, desgraçada. Para de chorar.”

“Eu não consigo, eu não...”

“Eu não lembro desta casa. Eu não lembro da sua cara nem desta casa, mas eu sabia o endereço. Como isso é possível? Eu sei que esta não é a minha casa, mas quando eu decidi que precisava ir a um lugar seguro eu só lembrei deste endereço. Eu lembro da minha casa, eu sei que ela fica em São Paulo, mas quando eu tentei sair da cidade eu não consegui. Eu não consegui ir a São Paulo. Na rodovia eu fui compelida, eu fui obrigada a voltar, a vir pra cá. Por quê?”

“Eu não sei.”

“Você não sabe...”

“Esta é a tua casa, esta é...”

“Cala a boca.”

“Esta é a tua casa!”

“Só na tua cabeça idiota. Por quê? Ah, lembrei: você não sabe.”

“Juro, eu não sei. Se você deixasse eu usar o telefone...”

“Você não sabe... Quer ver algo muito interessante?”

A mão. O telefone. A mão da mulher mais velha passa por cima do telefone em cima do criado-mudo. A mão passa por cima do telefone e pega o controle remoto. Alarido, água, luz, vento. No centro do quarto, ela, a mulher mais

velha, aparece ao lado da mulher mais jovem, na praia. Há crianças nas redondezas, brincando na areia, nas ondas, soltando gritinhos.

“Foi no final do ano passado.”

“Eu detesto o mar. Detesto.”

“Foi no final do ano passado. Nós viajamos. Você, eu e o papai.”

“Mentira.”

“É verdade. Nós viajamos.”

“No final do ano passado eu estava com a minha família. Em Milão. Passando férias em Milão. Não com você. Não com o seu *papai*.”

“Eu não falo mais nada.”

“Milão! Tá entendendo? Eu detesto o mar!”

O indicador pressiona o botão azul. O filme retrocede em alta velocidade. Um ano, cinco anos, dez anos. A mulher mais jovem aparece mais jovem ainda, ao lado da mulher mais velha, agora mais jovem. As duas estão muito próximas, quase abraçadas, rindo muito. Estão novamente na praia. O vento leva o chapéu espalhafatoso da mulher mais velha. A mulher mais jovem se atrapalha com a própria gargalhada.

“Foi no meu aniversário.”

“Eu não lembro do seu aniversário. Eu não lembro de você. Como vocês fizeram pra me colocar nesse filme?”

“Eu não entendo, mãe... De que você lembra, afinal?”

“Da Vanessa. Eu lembro dela. Muito. Da Vanessa, do Gustavo. Por que eles não estão nesse filme? Quem é esse aí? Esse é seu pai?”

O homem corpulento, de pele escura e barba grisalha, esse homem traz o chapéu espalhafatoso e o entrega à mulher mais velha. Seus olhos são verdes. A mulher mais jovem ainda ri muito. A imagem fica meio embaçada, a praia e as pessoas tremem um pouco mas logo voltam ao normal. O homem corpulento, de pele escura e barba grisalha, agora esse homem do passado parece olhar nos olhos da mulher mais velha que está sentada na poltrona, segurando a arma e o controle remoto.

“Sim, esse é meu pai. Seu marido.”

“Não é possível.”

“Que você quer que eu diga? Que tudo isso não passa de uma encenação, de uma farsa?”

“Não. Não é possível!”

“Mãe, põe a arma no chão. Você tem que se acalmar. Você já se feriu antes, você quase morreu. Põe a arma no chão, você precisa de ajuda, eu preciso de ajuda!”

“Antes...”

“Lembra o que aconteceu? Você quase... Quase.”

“Antes, eu quase... Morri? Eu quase morri?”

O seio esquerdo. A mulher mais velha deixa o controle de lado e toca de leve, por baixo da blusa, ela toca abaixo do seio esquerdo. Ela sente a aspereza da pele, da cicatriz. Ela sente essa aspereza e sabe que sob a pele, sob a primeira cicatriz, há outra bem maior, e outra, e outra. Ela sente todas as cicatrizes superpostas e ouve novamente. Vindo de longe o disparo atravessa o calendário. A mulher mais velha ouve novamente. O disparo. Vindo de longe. De muito longe. Do fundo da memória.

“Mãe, você precisa... Você tem que conversar com o doutor Eduardo.”

“Eu quase morri.”

“Eu tenho que telefonar. Eu preciso avisar o papai. Estão todos muito preocupados com você.”

“Eu quase...”

“Olha, eu vou levantar, andar até aí e usar o telefone, tá bem? Só isso, eu só vou usar o telefone.”

“Doutor Eduardo. Eu lembro do doutor Eduardo.”

“Eu vou levantar, telefonar pro papai e levar você. Vou levar você, não sei, talvez ao consultório do doutor Eduardo, tudo bem?”

“Senta aí! Fica quieta aí, senão... Quietinha. Você... Eu conheço você. Você é a Judite.”

“Sou, mãe. Eu sou a Judite, sua filha.”

“Você é a Judite, minha filha.”

“Põe a arma no chão, por favor. Eu só vou telefonar...”

“Minha filha.”

Dois disparos. O primeiro na parede, o segundo no abdome. A carne perfurada revela o parentesco do corpo humano com os balões de ar quente. Algo vaza de lá de dentro. Dois disparos que intimidam as cigarras. No jardim o gato da casa percebe o susto da roseira. Ele percebe o leve tremor das pétalas em pânico. A mulher mais jovem, quase de pé, perde o equilíbrio e volta a sentar na cadeira atordoada, na cadeira bêbada, que balança e cai de lado, em câmera lenta, derramando o corpo no chão.

“Mãe...”

“Judite?”

“Telefona... Por favor...”

“Judite.”

“Por favor...”

“Eu... Eu... Judite.”

“Te... Tele...”

“Judite?”

Silêncio. Imobilidade. Tudo fica quieto, tudo para. A mulher mais jovem não responde. No jardim o gato da casa volta a lamber o dorso. A mulher mais velha desliga o projetor, cancelando a praia e os banhistas, que desaparecem do centro do quarto.

“Filha?”

Do outro lado da cidade dois estudantes de contabilidade estão descontrolados. A mulher mais velha pega o telefone. O estudante mais novo digita nervosamente os códigos de acesso que o estudante mais velho anotou na agenda. Dois estudantes emocionalmente muito abalados. Do outro lado da cidade. A mulher mais velha tecla o único número que consegue lembrar: o da própria casa, onde está. Sem sucesso: ocupado. Janelas, diretórios, arquivos. O estudante mais novo abre e fecha janelas, entra e sai de diretórios, altera e apaga arquivos. O estudante mais velho está à beira da histeria.

“A gente tem que chamar uma ambulância!”

“Tá louco, cara? De jeito nenhum. Eu não vou pra cadeia, não mesmo.”

“A gente tem que chamar uma ambulância agora! Se a garota morrer vai ser prisão perpétua. Ou pior.”

“Nem pensar. A mãe da garota chama a ambulância. Se rastreamos a gente, fodeu tudo.”

“Merda... Merda!”

“Fica calmo, tô apagando nossas pegadas. Falta pouco. Reza pra ninguém perceber as assinaturas falsas.”

“Eu sabia que ia dar merda, eu sabia. A mãe da garota tá completamente pirada, cara! Ela não vai conseguir pedir ajuda.”

“Seis, seis, cinco, oito, oito... Fica calmo, caralho! Assim você me desconcentra. Falta pouco. Os vizinhos vão ajudar, eles devem ter ouvido os tiros. Cadê os códigos de ontem? Falta pouco.”

“Merda, merda, merda!”

“Pronto. A conexão foi desfeita, o labirinto caiu. Falta só... Não. Porra, quase fiz besteira. O espelho, cara! A gente precisa redefinir o espelho do servidor. Vamos ver... Calma agora. Qual é mesmo o mapa de entrada? Pensa, caralho, pensa.”

“Eu sabia que ia dar merda, ah, eu sabia.”

“Lembrei. Caralho, lembrei! Fica calmo... Falta pouco.”

A madrugada avança. O aroma de café parece vir de dentro das paredes. Ou de baixo da cama. Ou do jardim. A mulher mais velha levanta da poltrona, atravessa o quarto, abre a cortina e a janela. A chuva já passou. A água caiu apressada e já parou. A lua ilumina a arma deixada no parapeito. Do outro lado da cidade dois estudantes de contabilidade bebem cerveja, fumam, esfregam os olhos, reclamam, reclamam muito. Os dois lamentam o azar que tiveram.

“Não foi minha culpa. Não mesmo. Foi o programa, cara! O maldito programa do teu amigo bagunçou tudo. Ele bagunçou as duas memórias.”

“O programa é perfeito. Perfeito! Você não comprimiu totalmente a memória antiga, só pode ter sido isso. Sobrou fiapo. Aí deu merda.”

“Foi o programa, tô falando! Eu comprimi tudinho. Não sou idiota. Eu comprimi tudo, tudo mesmo, e usei o fator doze, tá ouvindo? Doze! Eu comprimi tudinho antes de introduzir a memória nova. Você tava do meu lado!”

“Não comprimiu, não. Sobrou fiapo. O programa é perfeito.”

A chuva limpou o ar de todo tipo de interferência. Os fantasmas deram folga. Do outro lado da cidade a mulher mais velha parece despertar. Delírio? Pesadelo? Os vizinhos de fato ouviram os tiros. Não os dois primeiros, antes da chuva. Eles chegaram agora da rua, do teatro, por isso só ouviram os dois últimos. Antes disso a mulher mais velha vê o corpo da mulher mais jovem, enrijecido, a luz do corredor fatiando suas pernas. Estática. Chiado. Vozes distantes, cheiros e sabores, antigas sensações tentam se comunicar com a mulher mais velha.

“Vanessa... Gustavo. O acidente.”

Estática. Chiado.

“Judite?”

Vozes distantes. Rostos, diálogos. Antigas sensações. A mulher mais velha. Sua nova memória. As minúsculas acrobacias das sinapses reanimando os neurônios. A

mulher mais velha. Está repleta de martírio a nova memória que lhe deram.

“Judite... Seu aniversário, eu me lembro. Judite!”

A mulher mais velha parece despertar. O corpo da mulher mais jovem, a luz do corredor fatiando suas pernas. Os fantasmas jamais dão folga. Os vizinhos de fato ouvem os tiros. Mas apenas os dois últimos, depois da chuva. Eles não ouvem o choro, porque não há choro, depois da chuva só há tiros. O primeiro, trêmulo, muito abaixo do coração, na costela. Meio minuto depois o segundo, esse sim, convicto, certo, na altura exata. Em cima da cicatriz.

Do outro lado da cidade os dois estudantes de contabilidade continuam bebendo cerveja, fumando, esfregando os olhos, reclamando, reclamando muito. Os dois lamentam o azar que tiveram. O estudante mais velho continua à beira da histeria. O estudante mais novo garante que os dois não serão rastreados pela polícia.

“Eu tô fora. Não quero mais saber dessa encrenca.”

“Fica calmo, a garota não vai morrer. A essa hora ela já deve estar no pronto-socorro.”

“Você é louco, cara! Você perdeu totalmente o controle da situação. A mãe da garota tava completamente pirada.”

“Para de se fazer de inocente. Você sabia o tempo todo que esse projeto tem riscos, que ele tem consequências. A grana não vai entrar de graça, não. Foi o programa, cara! O

maldito programa do teu amigo bagunçou tudo, mas a gente vai resolver isso, vamos refazer os gráficos e corrigir as...”

“Eu tô fora. Não vou continuar mexendo com a cabeça das pessoas. Esquece a grana.”

“*Esquece a grana!?* Você só pode estar brincando. Falta pouco, cara! Falta pouco pra gente resolver as equações do neocórtex temporal.”

“Esquece. Eu tô fora.”

“Amanhã a gente escolhe outra cobaia. Vamos recomeçar. Agora vai dar certo, falta pouco, muito pouco. A gente só tem que refazer os gráficos e corrigir as planilhas.”

“Não.”

“Para com isso, para de resmungar. Melhora essa cara. Vem cá, me dá um abraço.”

“Eu tô fora.”

“Vem cá. Você só tá cansado. Pensa na grana.”

“Porra, você quase me matou de susto. A garota...”

“Esquece a garota. Pensa no projeto, pensa no Nobel. A gente vai ganhar o Nobel, cara! Amanhã a gente escolhe outra cobaia. Vamos recomeçar.”

“Merda.”

“Para de resmungar. Amanhã a gente recomeça.”

O prédio baixo do outro lado da cidade. O prédio baixo e cinza onde estão os dois estudantes de contabilidade. Todas as entradas desse prédio já estão bloqueadas pelos agentes da polícia federal. Amanhã? Não haverá amanhã. Não para o projeto dos dois estudantes de contabilidade.

No centro da cidade recomeça a chover. Nessa hora dois estudantes de engenharia desfazem a conexão com a mente dos dois estudantes de contabilidade. No centro da cidade. A corrente é desfeita com sucesso, as pegadas são cuidadosamente apagadas, a mente dos dois estudantes de contabilidade é finalmente libertada. A chuva alegra a jabuticabeira no quintal. Agora nada poderá ligar os dois estudantes de engenharia aos dois estudantes de contabilidade. Nem à mulher mais velha, nem à mulher mais jovem.

AÇO CONTRA OSSO

Vinte e quatro horas depois. Diante de mim há trinta e uma cópias de mim mesmo. Trinta e um eus sem que haja sequer um espelho por perto. Uma dessas cópias comanda todas as outras, mas é claro que eu não sei qual é. Ela é muito esperta. Eu sou o caçador, ela é a caça. Diante de mim há trinta e uma cópias de mim mesmo dispostas em círculo na nave iluminada da catedral recém-construída. Meu dever é impedir que a caça fuja. É pra isso que eu sou pago: pra impedir que as simulações escapem do planisfério.

“Faz quarenta e cinco dias que estamos brincando de gato e rato”, os trinta e um clones dizem ao mesmo tempo, saindo da formação circular e se espalhando pela nave.

“Estou ficando velho”, eu sento no banco de madeira mais próximo, apoio os braços no encosto e fico admirando os vitrais da esquerda. “Trinta dias. Minha caçada mais longa durou exatamente trinta dias. O fugitivo era violinista. Dos bons. Você sabe como a música torna os prisioneiros mais escorregadios, mais criativos.”

“Mais subjetivos.”

“Exatamente. Você sabe, a subjetividade da arte é a ferramenta mais poderosa na hora da fuga. Foram trinta dias complicados.”

“Concordo. A subjetividade da arte... Mas eu conheço outra ferramenta muito mais eficiente. Eu estou usando

essa ferramenta agora. É, neste exato momento. Se você soubesse... Por isso você não consegue nem conseguirá me capturar.”

O desafio não é dos mais simples. A catedral é uma armadilha. Eu sei disso. Ela é um gigantesco sistema de equações que, se resolvidas a tempo, se fecharão em torno do fugitivo, aprisionando-o definitivamente. Mas as raízes das equações podem ser qualquer coisa: o número de esculturas espalhadas pela nave ou de degraus da escadaria que leva ao telhado, o diâmetro das colunas ou do labirinto gravado no piso, a altura dos contrafortes ou dos arcobotantes, a idade do bispo da diocese ou do mestre-pedreiro que projetou o edifício. Qualquer coisa. O cronômetro está correndo. O caçador precisa resolver as equações antes que a caça encontre a saída da armadilha. A saída que pode estar em qualquer lugar. No altar. Na abóbada. Na cripta subterrânea. Em qualquer lugar. Enquanto os neuroprocessadores do caçador cuidam da charada matemática, os da caça procuram enxergar por meio de cálculos igualmente complicados a saída invisível. A conversa fiada é apenas pra passar o tempo. Ou pra ludibriar o antagonista.

“É a primeira vez que ficamos frente a frente”, um dos meus eus comenta, se aproximando e sentando provocadoramente ao meu lado. Muito atrevido. Será ele o fugitivo? Não, seria óbvio demais. Ele olha pra frente, para o altar, e sorri: “Você precisa passar mais tempo consigo mesmo. Como é mesmo o velho mandamento? Conhece-te a ti mesmo?”

As outras cópias passeiam pela catedral admirando as obras de arte, tentando tocar a luz colorida que atravessa os vitrais, acendendo as velas apagadas pela brisa perfumada. Enquanto isso eu penso: “Qual deles?”

O grande crucifixo atrás do altar é posto de cabeça pra baixo. Meus outros eus batem palma, assoviam, fazem o maior escarcéu: “O anti-herói, o anti-herói!”

Eu fecho os olhos, “Qual deles?”, me concentro.

O eu ao meu lado quer mesmo conversa: “Na montanha-russa você quase cortou minha perna fora.”

“Eu lamento pela perna, pelo susto. Lamento mesmo. Você sabe que eu tenho que levar você de volta intacto, com todas as pernas, todos os dedos, todos os olhos. Está no meu contrato de trabalho.”

“Eu duvido... É, eu duvido que se você me alcançar você não vai... Eu duvido. Se você me pega, camarada, eu tô morto.”

“Não é assim que funciona.”

“Tua mulher morreu. Tua filha morreu. Eu fui julgado e condenado pelo atentado no shopping. Vamos, colega... Você é capaz de me olhar nos olhos e repetir que não é assim que funciona?”

No fundo de meu cerebelo começa a piscar um aviso luminoso. As equações do sistema foram resolvidas. Pressentindo a aproximação do perigo meus falsos eus começam a evaporar. Menos o último, que está em pé lá longe, perto do altar. Ele sorri, retorna à sua antiga forma, muito diferente da minha, e some camada após camada:

primeiro a pele, em seguida a gordura, o sangue, os músculos, os órgãos, os ossos. Rápido assim. Meio segundo antes de a catedral se fechar sobre o fugitivo, ele localizou a saída e escapou para outro cenário. Estou cansado. Uma película de bolor vai se espalhando pela construção e correndo tudo. O cinza avança sobre meus pés. Quarenta e cinco dias e aí vamos nós outra vez.

Vinte e quatro horas depois. Está escuro. Tateio a parede e acendo a luz. Escuto o som do mar. Estou numa cabine apertada. Abro a porta e vejo o corredor deserto de um navio. Caminho, dobro a esquina, subo a primeira escada que aparece. Outro corredor, outra escada, outro corredor, um elevador. Saio no convés também deserto. Estamos em alto-mar, venta forte, o transatlântico está em movimento, as caldeiras estão a pleno vapor mas não há mais ninguém a bordo, exceto nós dois, o caçador e a caça. Só nós dois, como sempre. Não posso vê-la mas sei que ela está aqui. A caça. Na periferia do planisfério, comigo. São as regras do jogo. Sigo pelo convés até o elevador que me levará à ponte de comando. Sigo ouvindo um saxofone enjoado — aqui jaz a era do jazz — que piora mais ainda o balanço do navio. Quando estou prestes a entrar na cabine do elevador uma sombra passa correndo atrás de mim. Ótimo. Encontrei o fugitivo. E foi mais rápido do que eu esperava. Corro atrás dele e o alcanço na quadra de tênis. Ele está todo de branco, com uma faixa na cabeça. Eu também. Ele saca, a bola quica e eu rebato.

“Minha mulher e minha filha não morreram”, eu digo logo após a segunda rebatida. “As explosões no shopping foram só uma cortina de fumaça. Eu sei que você está com as duas. Então não diga que elas estão mortas.”

“Elas não vão voltar. Elas não existem mais. Isso é o mesmo que estar morto, não?”

“Trinta dias, quarenta, cinquenta, não importa. Cedo ou tarde eu vou pegar você.”

“Essa é a sua ilusão. A minha é a de que eu já estou livre. Você ainda não percebeu que atingimos o equilíbrio? Nós dois somos forças equivalentes. Podemos estender esta perseguição pra sempre.”

“Você é esperto, você é rápido, mas mesmo assim ainda é só uma simulação. Neste mundo não há futuro para as simulações”, eu perco o equilíbrio e rebato torto, a bola voa por cima da grade de proteção e cai no oceano.

Ele flexiona os joelhos, aproveitando o balanço do navio, e lança duas bolas: “O velho mundo está precisando de reforma. Eu sou o pedreiro, eu sou o marceneiro, eu sou o eletricitista...”

“Quantas pessoas você incorporou? Cinco? Dez?”, eu perco novamente o equilíbrio, caio de lado e esfolo a coxa. As duas bolas passam por cima da grade e terminam no oceano. “Minha mulher e minha filha estão aí dentro. Eu sei que estão. Aí dentro, em algum lugar. E eu vou recuperá-las.”

“Nada ficou provado. O promotor falou, o advogado falou, as testemunhas falaram, o juiz falou, a imprensa falou,

o réu falou, mas nada ficou provado. A versão do atentado terrorista é muito boa. Pra não dizer *genial!* Por que não fica com ela, como todo mundo?”, ele saca quatro bolas.

Com dificuldade eu rebato as quatro, uma de cada vez: “Nada ficou provado... Por isso agora nós vamos fazer do meu jeito.”

Em pouco tempo estamos jogando com trinta e duas bolas, e isso o diverte: “Eu disse lá na catedral: se você me pega, camarada, eu tô morto.”

Mais uma vez o desafio não é dos mais simples. O transatlântico é outra armadilha. Eu sei disso. Ele é outro gigantesco sistema de equações que, se resolvidas a tempo, se fecharão em torno do fugitivo, aprisionando-o definitivamente. Mas as raízes das equações podem ser qualquer coisa: o número de suítes de primeira classe ao lado do convés de passeio ou de lâmpadas e escotilhas nos tombadilhos inferiores, o diâmetro das chaminés ou do solário da popa, o peso das âncoras ou da quilha, a idade do capitão ou do oficial de engenharia mais jovem. Qualquer coisa. O cronômetro está correndo. O caçador precisa resolver as equações antes que a caça encontre a saída da armadilha. A saída que pode estar em qualquer lugar. Na casa de força. Na ponte de comando. Num dos banheiros. Em qualquer lugar. Enquanto os neuroprocessadores do caçador cuidam da charada matemática, os da caça procuram enxergar por meio de cálculos igualmente complicados a saída invisível. A conversa fiada é apenas pra passar o tempo. Ou pra ludibriar o antagonista.

“Faço um acordo com você”, ele propõe enfatizando cada palavra com uma cortada poucos milímetros acima da rede. “Eu entrego uma das duas. Tua mulher ou tua filha. Eu devolvo. Você escolhe. Eu devolvo uma das duas e você desiste da perseguição.”

Eu sinto o estômago se encher de uma substância pegajosa muito parecida com o ódio. Uma substância que até poderia ser essa emoção tão desprezível, o ódio, se eu não tivesse sido vacinado contra ele no dia em que ingressei na academia. Eu sinto o estômago queimar, essa sensação atrapalha minhas jogadas e interfere no processamento das equações. Ele está blefando. Ele está apenas querendo me confundir. Uma simulação como ele, dissoluta, libertina, viciada em incorporar as pessoas, jamais devolve espontaneamente suas vítimas. A devassidão é seu vício. Somente a melhor clínica de recuperação do Estado é capaz de fazê-lo libertar minha mulher, minha filha e os outros. Por isso eu não falo nada, apenas rebato as bolas desfocadas. É ele quem continua tagarelado: “Qual das duas vai ser? Estou curioso. Quem você ama mais? Sua mulher? Sua filha? Eu entendo sua hesitação. Se tivesse que escolher, caralho, eu também não saberia... Eu gosto das duas. Muito. Você já praticou sexo quântico? Ah, claro que não. Eu esqueci: você não é uma simulação. Você nunca incorporou ninguém. Acredite, é fantástico. Agora mesmo eu estou fodendo sua mulher e sua filha. As duas ao mesmo tempo. Não existe prazer maior. Não sei se conseguirei abrir mão disso.”

Eu ataco e defendo, ataco e defendo, e respondo meio letárgico: “Você estava certo o tempo todo. Como foi que eu não percebi a verdade?”

“Sobre as explosões? Sobre a confusão lá no shopping?”

“Não. Sobre minha verdadeira natureza. Quando eu pegar você, você tá morto.”

No fundo de meu cerebelo começa a piscar o aviso luminoso. As equações do sistema foram resolvidas. As trinta e duas bolas desaceleram e param no ar. Pressentindo a aproximação do perigo as pequenas esferas reluzentes começam a evaporar. Menos a última, que está do outro lado da rede, exatamente em cima da linha de saque. Meu adversário sorri, joga a raquete no chão, tira a faixa da cabeça e o protetor de pulso, pega a última bola e some camada após camada: primeiro a pele, em seguida a gordura, o sangue, os músculos, os órgãos, os ossos. Rápido assim. Meio segundo antes de o transatlântico se fechar sobre o fugitivo, ele localizou a saída e escapou para outro cenário. Estou exausto. Uma película de bolor vai se espalhando pelas estruturas do navio e corroendo tudo. O cinza avança sobre meus pés. Quarenta e seis dias e aí vamos nós outra vez.

Vinte e quatro horas depois. Estou caído ao lado de uma extensa esteira rolante cheia de pedras de carvão. Fico em pé. O corpo dói. Quase bato a cabeça na grande broca de uma perfuratriz estacionada perto da esteira. Dou alguns passos e estudo o local. A brisa e o som contínuo são produzidos por potentes ventiladores instalados nas

paredes laterais. O fugitivo está do outro lado da esteira, caído próximo a um vagão cheio de carvão. Eu sei que esta mina é mais uma armadilha. Eu sei disso. Ela é um gigantesco sistema de equações que, se resolvidas a tempo, se fecharão em torno do fugitivo, aprisionando-o definitivamente. Mais uma armadilha, como todas as outras. Mas estou exausto. Sem esperança. Sem forças pra seguir o manual e começar a calcular o número de vagões ou a profundidade dos túneis, a temperatura da água nos tanques de separação ou o volume total de carvão de todas as carvoeiras subterrâneas. Ele está certo: nós dois atingimos o equilíbrio. Nós dois somos forças equivalentes. Esta perseguição pode durar pra sempre.

“Mas ela não vai durar pra sempre”, a caça responde como se tivesse lido meu pensamento. Ela levanta e com o boné limpa a poeira do macacão azul desbotado, igual ao macacão que eu estou usando. Há muita tranquilidade em sua voz: “Estamos perto da fronteira. Seus sensores não avisaram você? Já chegamos ao limite do planisfério. Eu posso sentir isso. A liberdade, ela está bem perto.”

Não pode ser verdade. Esta mina de carvão não pode ser nosso último cenário. O desgraçado não pode estar prestes a vencer. Eu subo na esteira, perco o equilíbrio e caio sobre as pedras de carvão. Não consigo me controlar. Perco o foco. Não consigo começar a calcular os diâmetros, as quantidades, os pesos. Eu levanto e pulo para o outro lado. Eu exijo: “Liberta as duas. Agora. Eu quero as duas. Fique com os outros.”

“Não vai dar, não”, ele sobe num degrau de concreto e analisa o teto, as colunas, as passarelas, os elevadores. Ele fareja o ar, as moléculas captadas por sua mucosa nasal estimulam o sistema límbico. O fugitivo está alerta, excitado, com as pupilas dilatadas. Ele sabe que a situação mudou subitamente a seu favor. Enquanto eu tento controlar o desespero, os neuroprocessadores da caça procuram enxergar por meio de cálculos bastante complicados a saída invisível. A fronteira. O limite do planisfério. “É. Não vai dar, não, colega.”

“Solta as duas agora!”

“Lembra do violinista? Lembra quando você falou da subjetividade da arte? Eu disse a você que estava usando uma ferramenta muito mais eficiente.”

“Por favor...”

“Eu tô apaixonado. É. Pelas duas. Eu tô enlouquecido, e essa nova subjetividade é muito forte. Não vai dar, não. Eu preciso muito delas.”

Minhas suprarrenais liberam adrenalina na corrente sanguínea. Meu ritmo cardíaco acelera. Não devia, mas acelera. Ódio. Essa substância lubrifica minhas articulações e meus músculos. No corpo todo: ódio, fúria. A mina de carvão estremece. Mais uma armadilha, como todas as outras. Estou exausto. Sem esperança. Sem forças pra seguir o manual, as regras. O aviso luminoso pisca sem parar. O fugitivo localizou a saída e está pronto pra escapar para outro plano. Para a saída do planisfério. Eu corro e salto sobre ele. Não devia, mas salto. E agarro firmemente sua

cintura. Nós dois caímos do degrau de concreto. Um osso se parte. Dor, muita dor. Eu não estou autorizado a usar a força bruta. O caçador soca o maxilar da caça. Duas, três vezes. Não, o caçador não tem autorização para tocar na caça. Não fisicamente. O fugitivo revida. Dor, sangue. Estou cansado. Uma película de bolor vai se espalhando pela construção e corroendo tudo. O cinza avança sobre nossos corpos. O cinza avança. Sobre nossos corpos que, ainda abraçados, começam a desaparecer camada após camada: pele, gordura, sangue, músculos, órgãos, ossos. Quarenta e sete dias e aí vamos nós pela última vez.

Vinte e quatro horas depois. As paredes tremem. Os vidros quebram. Os pássaros levantam voo. O céu escurece. Os gatos enlouquecem. O caçador e a caça atravessam o limiar. Os dois atravessam a fronteira. O vento forte sacode a copa das árvores. A caça cai de mau jeito e rola na grama, libertando e espalhando suas vítimas. São no total sete corpos desmaiados, sete corpos caídos no descampado, incluindo o da simulação. O caçador cai em pé, pronto para o combate, e logo reconhece a mulher e a filha. Estão inconscientes. Todos. Exceto a caça, que começa a dar sinal de vida. O caçador vai até a simulação, apoia um joelho no seu peito, segura firmemente seu pescoço com as duas mãos e começa o estrangulamento. O prisioneiro estrebucha. O caçador não quer testemunhas nem registros, por isso os principais sistemas neurológicos audiovisuais estão desligados. Não, nada de registros. As mãos apertam, o prisioneiro luta debilmente, seu rosto está cinza azulado, seus olhos imploram.

“Eu sinto muito, por favor, eu sinto muito”, eu repito pedindo perdão pelo que ainda vou fazer. Abater e matar a caça. É isso o que eu preciso fazer. Contra as regras, contra o manual, contra o contrato.

Nessa hora eu não vejo minha mulher voltando à consciência. Enquanto estrangulo o desgraçado eu não vejo minha mulher acordando, ficando em pé e andando em nossa direção. Eu não vejo a faca. Que penetra primeiro minha nuca. Depois mais embaixo, na altura da omoplata esquerda. Aço contra osso. Calafrio. Dor. Letargia. Eu começo a morrer e não vejo mais nada. Eu não ouço mais nada.

Minha mulher solta a faca e resmunga — eu não ouço nada — tirando meu corpo de cima do fugitivo: “Eu também sinto muito. Mais até do que você. Eu disse, não disse? Eu disse que se você me pegasse, camarada, eu tava morto. Não disse? Eu tinha certeza de que você tentaria isso. Me matar. Eu tinha certeza. É *assim* que as coisas funcionam.” Eu não vejo minha mulher soltando a faca, tirando meu corpo de cima do fugitivo e recobrando camada após camada sua aparência verdadeira. Eu também não vejo ao meu lado o rosto cinza azulado de minha mulher. O verdadeiro rosto de minha mulher — o rosto de minha verdadeira mulher — abocanhando o ar, voltando à vida, seu pescoço ainda com as marcas de minhas mãos. Eu não vejo nem ouço nada. Não há registro algum. No descampado silencioso e calmo a simulação volta a incorporar uma a uma suas vítimas e não há registro algum.

NUVEM DE CÃES-CAVALOS

Olhei pra trás. Não havia ninguém no estacionamento. Não havia ninguém *me vigiando*, quero dizer. O lugar estava cheio de gente indiferente batendo porta, carregando mochila, pasta ou mala. Tive que esperar três elevadores antes de conseguir embarcar. Então a sensação voltou. Na cabine lotada, senti que alguém me olhava. Disfarcei. Girei um pouco a cabeça. Não, ninguém conhecido. Ou suspeito. Apenas mais gente indiferente, preocupada com os próprios assuntos. Sensação muito besta. Como uma coceira que não passa. Andei mais rápido, apesar da dor no joelho. Quem poderia estar me seguindo? Por quê? Subi uma rampa, dobrei uma esquina. Mais gente apressada. Precisei parar, estava incomodado, nervoso. Ela. Não lembro exatamente quando foi que notei sua silhueta. Cheguei perto. Ela.

Vi seus olhos. Eram os olhos mais desolados dessa manhã cinza. O cabelo não muito curto, muito negro e muito liso acentuava sua tristeza. As meias listradas — amarelo e lilás balançando, se misturando — ressaltavam outros sentimentos menos juvenis. Mulher em corpo de menina, pele meio azulada. Eu estava parado atrás dessa mulher-menina azul havia cinco minutos, pensando. Em que eu pensava? No trepidar da decolagem. Na poltrona desconfortável. Na viagem que eu não queria fazer. Ela sentiu minha presença, olhou pra mim e através da fumaça eu vi seus olhos

tristes. Eles diziam: vou me matar hoje. Num lugar e numa época em que fumar em público não era proibido, apenas socialmente indesejado — vício nojento, comentavam —, ela manipulava com delicadeza um nápoles, importado. Eu, um vulgar primavera. Além da certeza de que ela ia mesmo se matar na minha frente, essa sensação de uma conexão pelo tabaco era o que atrasava meu embarque.

Estávamos apenas nós dois no pátio externo, longe da confusão dos portões de embarque. Ela, sentada do outro lado da grade de proteção, bem na beirada, as pernas balançando no vazio — amarelo e lilás —, fumava tranquilamente. Lá embaixo, a cinquenta metros, as avenidas e os viadutos. Não era preciso ser um gênio da psicologia pra perceber que seu tempo de vida era o tempo do cigarro. Tempo, vida. Vida, tempo. Não conseguia largar essas palavras. Até que uma se impôs. Tempo, tempo, tempo. Por um breve momento fiquei fazendo complicados cálculos mentais. Calculei a velocidade do vento, a força da gravidade, a altura da grade de proteção e a distância entre mim e a garota — conseguiria agarrá-la antes do salto? —, somei tudo isso à minha velhice, à dor nos joelhos e ao meu rancor ancestral. Rancor, não. Egoísmo. Se a garota quer se suicidar, que me importa? Milhares de pessoas se matam todos os dias há milhares de anos. Pessoas azuis, verdes, amarelas, negras, brancas, vermelhas. O suicídio é colorido. Cortem os pulsos, intoxiquem-se, mergulhem de uma grande altura. Ou na banheira. A beleza poética dessa decisão é muito maior do que qualquer drama moral.

Demorei pra perceber a verdade da situação. Eu não estava aí, em frente à grade, para incentivar os tristes olhos fumantes a saltar. Demorei pra perceber isso. Eu estava aí para salvar a garota. Porque eu havia acabado de me apaixonar por ela. Pelo seu olhar desolado, pelo seu cabelo não muito curto, muito negro e muito liso. Um jorro de dopamina acendeu meu cérebro quando a garota olhou pra mim, quando eu descobri que ela tinha poucos minutos de vida. Prazer, medo, excitação: tudo. Neuroquímica. O córtex pré-frontal e o hipotálamo em brasa. Vida. Eu estava vivo. Embriagado pelo coquetel de estimulantes, eu percebia as sinapses latejando, sussurrando, eu sentia o atrito do sangue com a parede das artérias. Ou pensava que sentia. Não importa.

Eu precisava impedir que ela pulasse. Minha cabeça rodava, as mãos tremiam. Fale alguma coisa, eu dizia a mim mesmo. Nunca fui muito bom em prender a atenção das pessoas. Como começar uma conversa? Como dissuadi-la? O nápoles já na metade e eu percorrendo um labirinto de indecisão, paralisado, sem saber o que dizer. Foi ela quem tomou a iniciativa: “Em Budapeste faz bastante frio nesta época.” Foi como se várias agulhas tivessem brotado do chão e atravessado meus pés. Sangue nos sapatos. Como ela sabia que eu estava prestes a embarcar pra Budapeste? Minha inércia ganhou mais densidade, o sangue não parava de escorrer. A boca secou. Antes que eu fizesse qualquer comentário, ela tornou a olhar pra mim. Estava zangada. Subitamente senti vergonha. Seu olhar

maravilhoso me intimidava. Havia intensa inteligência nele e eu sempre tive muito medo — pavor — de mulheres bonitas e inteligentes.

Dirigindo-se mais à paisagem do que a mim ela inclinou a cabeça para a frente e continuou: “Disfarce perfeito: um homem de negócios. Um executivo médio-cure e comum. Quem iria desconfiar?” A paisagem nada respondeu. Nem eu. Uma fila de cargueiros aproximava-se, desmanchando as nuvens e borrando meu raciocínio. Campainhas internas gritaram *perigo*, liberando uma descarga de adrenalina. Gesso nos ouvidos, nas narinas. Falta de ar. “Quem é você?”, eu finalmente consegui pôr pra fora. Ela continuou quieta, entretida com o cigarro. Um nome brilhou na superfície de minhas retinas e projetou-se na paisagem, sobre a fila ruidosa de cargueiros: Nádía. Eu repeti esse nome em voz alta e ela sorriu três círculos perfeitos de fumaça: “Bingo.”

Vida se transformou em *morte*. Eu estava morto de medo. Por quê, meu Deus? Do que eu não lembrava? Que parte do meu passado havia desaparecido? Com certeza a parte em que existira uma Nádía. Deixei cair o primavera e ajeitei nervosamente a mochila nas costas. Hora de ir embora. Foda-se, eu pensei. Faltava pouco para o nápoles chegar ao fim e agora eu torcia pra que ela pulasse. Nádía precisava pular. O final não podia ser outro, ela tinha que desaparecer junto com seu cigarro. Eu alisava neuroticamente a barba. Vinte minutos atrás, ao entrar no aeroporto, minha rotina estava intacta. Minha vida miserável

seguia sem surpresas nem percalços. Então, isso: a sensação de sangue nas meias, nos sapatos, de gesso nos ouvidos e nas narinas. Não podia. Não. Um par de olhos tristes não tinha o direito de perturbar a ordem natural das coisas. Nádía tinha que desaparecer.

Mas o nápoles chegou ao fim e a garota não pulou. Ela apenas ficou em pé, massageou os joelhos e escondeu as mãos nos bolsos do casaco aberto. Começou a ventar forte. Nádía em pé, retinha, a bundinha empinada, os peitinhos durinhos apontando a paisagem, tive vontade de sentir seu cheiro, de transar com ela. Como é que uma mulher tão esguia, tão frágil, não era arrastada pela corrente de ar, eu não conseguia entender. Perguntei a ela de onde eu a conhecia. Perguntei por que eu tinha essa estranha sensação... Por que eu não lembrava de nada? Nádía continuou quieta. Tirou o maço e o isqueiro do bolso do casaco e acendeu outro cigarro. “Covarde”, ela resmungou depois de uma longa tragada. Eu não entendi: “O quê? Covarde, eu?” Nádía fez um movimento brusco, eu congelei, ela estava pulando, não, não estava, ela veio pra perto da grade: “Você me abandonou, Bruno. Você me deixou lá, sozinha, sem saída. Você traiu todos nós. Pra quê? Pra desaparecer, pra levar essa vidinha sem brilho. Hans morreu. Joana também. Eu fui torturada, mesmo depois de confessar, de falar tudo o que eu sei, eles continuaram me torturando. Pra quê? Pra você ir mensalmente a Budapeste? Você traiu todos nós, seu desgraçado.”

“Bruno?”, eu perguntei. Isso explicava tudo. A garota havia me confundido com outro homem. Esse delírio

mórbido de traição, abandono e tortura não era comigo. Não podia ser. Era com o Bruno desgraçado, maldito. O alívio foi instantâneo. Meus pés pararam de sangrar, o gesso escorreu pra fora dos ouvidos e das narinas. Nós, que não somos Brunos, estávamos salvos. Tornei a respirar. Eu já não desejava mais a morte de Nádía. Voltei a amá-la com toda a intensidade. Sua tristeza me contaminava, me seduzia. “Meu nome é Samuel.” Um falcão de seis turbinas, trazendo trezentos passageiros de Timbuktu, manobrou sobre nós antes de aterrissar, abafando minha fala. Mesmo assim ela escutou, e comentou sarcástica: “Samuel? Esse é seu novo nome?”

Devo gritar? Nomes, nomes, nomes. Que importância isso tem?, pensei. Eu a amo, não? Certamente seu nome nem sequer é Nádía. Esse nome me ocorreu sei lá por quê. Veio do fundo da minha mente, feito uma canção arquetípica. Ela apenas disse: “Bingo.” Esperta, a garota. Se eu tivesse dito Tereza, Simone ou Vânia ela teria dito: “Bingo.” Essa talvez fosse sua interjeição predileta. Calculei que eu tinha três minutos até que o novo cigarro acabasse. Ela voltou a sentar na borda de concreto, a cidade a seus pés. A tristeza havia escorrido dos olhos e molhado todo o seu corpo. Nádía-mulher-menina era inteira desolação. Lá longe uma nuvem irritada em forma de mão aberta ameaçava dar um tapa nos edifícios de papel e celofane. Essa violência antiga e latente me lembrou de outra, mais humana: a do plástico contra a carne. Dois jornais já noticiavam: medicina e caleidoscópio, luz e alergia. Testes recentes com

implantes neurológicos estavam dando maus resultados. Os primeiros pacientes — milhares deles — estavam enlouquecendo de muitas maneiras dolorosas.

Então, era isso: Nádía era um desses pacientes? Como conseguiu escapar da clínica? Olhei pra trás, para o longo corredor que levava ao check-in. As pessoas passavam monotonamente, a atenção colada na comunicação por celular. Nem sinal dos seguranças do aeroporto. Mesmo a pequena distância que nos separava do corredor não me permitia ver se as câmeras estavam apontadas pra nós. Era como se Nádía e eu não existíssemos para o mundo. As meias listradas iam e vinham no vácuo. Estava começando a esfriar, mas Nádía não estava nem aí para a temperatura. Eu não sabia que estratégia adotar pra tirá-la do perigo. Entrar no seu jogo, fingindo ser o Bruno? Ou tentar abrir seus olhos pra realidade? Esse último pensamento deve ter escapado num murmúrio — quando estou ansioso tenho o hábito de falar sozinho —, porque ela logo respondeu: “Não seja ridículo. A realidade? Conheço bem a realidade. Quem há muito tempo está cego pra ela é você.”

Ficar em pé por muito tempo me faz pensar em analgésicos e anfetaminas. E em uísque. Nádía *in the sky with diamonds*. Ou Lucy numa mesa de cirurgia, com o crânio aberto. Delirando. Busquei apoio na grade de segurança. Por que não sentei no chão? Já, já eu explico por quê. Como se também tivesse o poder de ler meus pensamentos, Nádía falou sobre os testes com implantes neurológicos. Disertou com propriedade, com riqueza de detalhes, citando

válvulas de silicone, cateteres e shunts. Falou, não como paciente, mas como médica ou cientista. Falou, falou, falou até o cigarro acabar. E quando terminou de falar eu já não estava mais preocupado com ela nem com a possibilidade do pulo. Eu estava preocupado com a ideia inaceitável, insinuada por Nádia, de que o paciente transtornado, dissimulado e foragido era eu, não ela.

Eu não sentei no chão pra não atrair a atenção das pessoas, dos seguranças. Eu não queria mais companhia. Nádia, sozinha, já me bastava. Loucura, não? Que percepção interessante, luminosa: loucura é isso. Isso o quê? Pensar três coisas ao mesmo tempo. Exatamente. Eram três linhas de raciocínio simultâneas. Primeira: não sente no chão, se você sentar no chão as pessoas vão perceber de longe, vão estranhar, um segurança pode vir ver o que está acontecendo, ele vai querer saber se você está passando mal etc. Segunda: eu amo essa mulher de pele azul, como isso é possível?, eu não a conheço, como posso estar apaixonado por alguém que estou conhecendo agora?, ainda mais nesta situação?, eu amo essa mulher de cabelo não muito curto, muito negro e muito liso etc. Terceira: será possível que o louco aqui sou eu?, meu nome não é Samuel?, minha identidade é falsa?, será possível que tudo isso não passa de uma forma muito dolorosa e metódica de alucinação?, preciso verificar meu passaporte, preciso ligar pra casa etc.

Um pensamento superou os demais: ligar pra casa. Conversar com minha mulher e meus filhos. Eles saberiam quem eu realmente sou. Eles conseguiriam me acalmar.

Peguei o celular do bolso do paletó mas não telefonei. Que idiotice! O que pensariam de mim?! Que endoidei mesmo. Como eu poderia conversar com minha mulher sem confessar minha súbita paixão por Nádia? Não. Guardei o celular e fiquei meio distraído, devaneando, achando graça em tudo, principalmente na nuvem de cães-cavalos que se aproximava do aeroporto. Cães-cavalos mutantes, moldáveis, com muitas cabeças. Ouvi alguém me chamar de longe: “Olá, senhor.” Não dei bola. De novo, mas agora um pouco mais perto: “Senhor, está tudo bem?” Virei e reconheci o uniforme cáqui. Era um segurança.

Foi quando Nádia pulou. Num segundo ela estava aí, linda, linda, bem na minha frente, tentando acender outro nápoles. No segundo seguinte não havia mais ninguém do outro lado da grade. O salto foi no tempo de uma piscadela. A nuvem de cães-cavalos contorceu-se de dor, latidos e relinchos ecoaram nas muitas pistas de pouso e decolagem. Eu agarrei a grade e urrei. O desespero veio em ondas sucessivas, cada vez mais violentas. Pensei que fosse perder os sentidos. Tentei escalar a grade na esperança de que Nádia estivesse blefando: e se houvesse um degrau ou uma marquise logo abaixo? Um degrau ou uma marquise a meio metro da beirada, onde minha perversa e sádica amada estaria rindo do meu terror juvenil. Tentei escalar, mas é claro que caí. Velho, velho. Sem fôlego, sem vigor algum. Caí sentado no concreto e não demorou muito pra que o segurança, e depois outro, e outro, viessem me erguer.

Tentaram me levar pra dentro, pra que eu sentasse e me acalmasse. Eu resisti. “Ela pulou”, eu disse, “Ela pulou mesmo!” Não adiantou nada. Eu implorei a eles: “Derrubem essa maldita grade, chamem o resgate, ela pode estar viva!” Novamente não adiantou nada. Não deram ouvido ao meu apelo. Eu gaguejava. “Chamem... Uma ambulância.” Fui levado a uma sala grande, iluminada por lâmpadas brancas, com um sofá e uma mesinha. Antes de entrar nessa sala passamos por um saguão cheio de gente. Foi horrível. Eu não queria sair de perto da grade. Fui levado à força. Todo mundo devia estar achando que eu era um criminoso: um terrorista ou um traficante. Nádia simplesmente não era importante para os seguranças ou para essas pessoas atarefadas no saguão. Quando finalmente entenderam o que eu estava dizendo, um dos seguranças prometeu que tomaria providências. Outro segurança comunicou por rádio o suicídio e pediu que chamassem uma ambulância. Estavam todos agitados, trocando informações pelo rádio. Do pronto-socorro vieram um paramédico e uma psicóloga. “Ela pulou”, eu repetia, “Ela pulou mesmo!”

Assim que o comprimido que me deram começou a fazer efeito eu fui ficando mais calmo, mais transparente. Estava numa sala fechada, com os seguranças, o paramédico e a psicóloga, mas não conseguia mais prestar atenção na sua conversa. Só conseguia escutar os latidos e os relinchos distantes da nuvem de cães-cavalos, que, sem a presença de Nádia, na certa desaparecia tristemente, dissolvendo-se no entardecer. Adeus, amigos. Cansado de viver —

de viver, não, de *sobreviver* —, deitei no sofá. Se cheguei a cochilar, foi de olhos abertos. Com a partida da nuvem, voltei a acompanhar a conversa das pessoas ao meu redor. Mesmo dormindo, eu via os seguranças intrigados, falando no rádio e entre si. Diziam, por exemplo: “Não. Nada. Nem sinal do corpo.” Ou: “Estamos revendo as imagens do setor B28. A história não confere. Temos o registro claro do cidadão, mas a mulher não aparece.” Ou: “Exato. As câmeras do setor registraram o cidadão fumando ao lado da grade de segurança, mas ele está sozinho. Não há mais ninguém com ele.”

Depois tudo ficou fora de sincronia, distorcido. As bocas se moviam mas o som saía longo, pastoso. Às vezes eu conseguia captar algo, sempre a mesma fala: “Ele está sozinho, não há mais ninguém com ele.” Isso me lançou de novo na trivialidade. Trivial: três vias. Loucura, não? Que percepção interessante, luminosa: loucura é isso. Isso o quê? Pensar três coisas ao mesmo tempo. Exatamente. Eram três linhas de raciocínio simultâneas. Primeira: eu era realmente um paciente transtornado, dissimulado e foragido, e Nádia não existia, era apenas fruto da minha imaginação doente etc. Segunda: Nádia existia, ou existira, mas o acaso — uma corrente de ar mais forte, os veículos em alta velocidade — fizera seu corpo desaparecer em um ponto qualquer entre o terraço e a avenida, porém era só questão de tempo até que o encontrassem etc. Terceira: Nádia existia, ou existira, mas a sociedade não podia saber disso, então as gravações estavam sendo apagadas

ou corrigidas, uma conspiração do silêncio começava a ganhar forma etc.

E eu? O que fariam comigo? “O voo do senhor Samuel sai em quinze minutos”, alguém informou. Bingo. Essa era a solução perfeita. Isso resolveria o problema de muita gente: de todos os desenlaces possíveis, acordar em Budapeste, sem me lembrar de nada, era o mais provável. O mais conciliador. Houve uma breve deliberação entre o paramédico e o chefe da segurança, que disse sim com a cabeça. Não telefonaram a minha mulher avisando sobre o ocorrido. Deviam ter telefonado, mas não seguiram o protocolo. Isso foi no mínimo suspeito. Em pouco tempo eu já estava acomodado em meu assento, a caminho da confederação austro-húngara, ainda sob o efeito do sedativo, a mente presa, patinando, indecisa entre as três vias que, cada qual à sua maneira, explicavam a mulher-menina azul de cabelo não muito curto, muito negro e muito liso.

BILHETES

Existe o planeta e existe o edifício. E as nuvens cercando o edifício. As sedutoras nuvens. Não entendo por que sempre abrem as janelas e desligam o ar-condicionado. Não faz sentido. Janelas abertas são muito perigosas. Eu sempre fecho as vinte janelas e ligo o ar-condicionado. Gosto de trabalhar em lugares seguros. Mas basta um minuto de desatenção e pronto, alguém vai lá e desfaz a arrumação. Simplesmente não dá pra entender.

As folhas escorregam pra fora da impressora, eu apinho o calhamaço, levo pra minha mesa, ajeito os óculos, empunho a caneta e começo a examinar uma por uma. Recebo em média mil páginas de dados, fórmulas, equações e algoritmos por dia. Minha função é assinalar o número cinco. Parece simples, mas estou no escritório há seis meses e até hoje não encontrei uma única ocorrência desse número. Meu antecessor sentou nesta cadeira durante seis anos e não encontrou um único cinco. Somos vinte analistas nesta sala. Há vinte salas como esta neste andar. O edifício tem no total duzentos andares. Até hoje o número cinco não apareceu pra ninguém.

Mas não desanimamos. Não damos a menor trela pra preguiça.

Nossa atividade é uma loteria. Não ter visto um único cinco não significa que a qualquer instante não verei

vários. Talvez até mesmo cinco de uma vez. Isso pode acontecer amanhã. Quem sabe ainda hoje. Cinco números cinco em uma só folha é tudo o que precisamos, sinal de que os cálculos estão corretos. Indício de que a máquina do tempo está finalmente operante. Cinco números cinco é o que procuramos. É o que espera o supervisor do andar, ao visitar minha mesa. Pode ser hoje, pode ser amanhã. O supervisor do andar visita a mesa de cada analista três vezes por período.

Meu antecessor sofreu um colapso nervoso e teve que ser substituído às pressas. Fiquei sabendo que na mesma semana outros nove analistas sofreram uma crise parecida. Isso está ficando cada vez mais frequente. Ontem mesmo meu vizinho de mesa atirou seu calhamaço para o alto e saltou pela quinta janela. Pobre coitado paranoico. Nos últimos meses ele me passou furtivamente dezenas de papezinhos subversivos. Uma teoria demoníaca nasceu, cresceu e corroe sua mente. Ele acreditava que o número cinco não existe. Nunca existiu. Ele tentou me convencer disso, mas eu simplesmente ignorei seus recadinhos anarquistas. Sentia pena do sujeito. Só não imaginava que além de concepções insanas o infeliz também alimentasse ideias suicidas. Não o denunciei ao supervisor do andar por compaixão. Ele seria preso, torturado e morto. Pensando bem, o resultado foi quase o mesmo: morte violenta. Mas sem prisão nem tortura. Foi melhor assim.

Ouçõ rumores de que a onda de surtos histéricos já chegou ao alto escalão. Prefiro não acreditar nisso. Nada de

proveitoso costuma vir da boataria irresponsável. Dizem que vários superintendentes já foram parar no sanatório do primeiro andar, na ala dos casos gravíssimos. Depois foram os programadores e os engenheiros. Prefiro fingir que sou surdo, pegar meu calhamaço e enfiar o nariz no trabalho.

Agora há pouco houve uma agitação em nosso andar. O supervisor passou correndo na direção dos elevadores, seguido de vários analistas. Um alarme soou. Fomos ver o que estava acontecendo. Formou-se um grupo no corredor, ninguém sabia explicar nada, tinha gente dizendo que os cinco números cinco haviam aparecido. Confusão geral. Multidão alucinada. Tentaram me arrastar para um elevador mas eu resisti, nadei contra o fluxo. Não gosto dessa euforia delirante. Voltei ao meu canto, fechei as vinte janelas, liguei o ar-condicionado e continuo trabalhando na sala vazia. Só vou parar quando o presidente do instituto anunciar que o trabalho foi concluído. Enquanto não ouvir uma declaração oficial, nada feito.

Outra teoria apocalíptica afirma que, de tanto perseguir o número cinco, ficamos todos cegos a ele. Os mais místicos garantem que o número cinco já apareceu mais de mil vezes só em nosso andar, mas ninguém enxergou. Nem vai enxergar. Jamais. Não costumo perder tempo com as bobagens que andam espalhando por aí, mas confesso que essa possibilidade começa a fazer sentido. Anteontem tive que ir ao quinto andar e fiquei perdido durante vinte minutos. Simplesmente não encontrava o bendito andar. Subi e desci a escada, subi e desci de elevador. Por mais

que tentasse, passava do quarto andar para o sexto sem conseguir parar no quinto. Um inferno. Até que parei pra pedir ajuda e fui informado que eu já estava no andar certo. Mesmo assim eu não consegui encontrar nas paredes o número de acrílico vermelho, indicando o andar. Se ele estava mesmo lá eu não encontrei. Talvez tenha sido retirado pelo pessoal da manutenção pra ser consertado, essas peças de acrílico às vezes trincam.

Continuo sozinho, examinando minhas folhas. Tentando não cochilar. Tentando não sonhar com asas.

Meia hora depois da confusão nada de anúncio oficial. A caraça do presidente não aparece na grande tela. Muito barulho por nada, como eu imaginava. Todos voltam devagar ao trabalho. Alguém abre as janelas e desliga o ar-condicionado, isso me irrita demais. Então recebo mais um bilhete subversivo. Não sei quem enviou, ele simplesmente foi jogado embaixo do meu nariz. A nova teoria afirma que a folha com os cinco números cinco foi encontrada. Porém a diretoria não quer que o mundo saiba que a máquina do tempo já está operante. Alguém aponta a quinta janela e grita, parece que outro analista acaba de pular. Outro bilhete é deixado em minha mesa. Não deu pra ver quem foi, eu estava olhando a janela. A novíssima teoria é mais bizarra do que as anteriores: ela afirma que os cinco números cinco foram encontrados e a máquina do tempo está operante, dois engenheiros e um piloto se aposaram dela e escaparam para o futuro, agora sempre que um analista encontra os cinco números cinco os pilantras

voltam do futuro e assassinam o coitado. Querem ter certeza de que ninguém mais vai usufruir dessa tecnologia.

Em outro bilhete insólito a história é diferente: os dois engenheiros e o piloto não voltam do futuro. Não é necessário. Eles assassinam o analista de outra maneira. Eles disparam através do tempo uma ideia fixa que mergulha na mente do coitado. O desejo de saltar pela janela. Gente paranoica. Uma ideia fixa disparada do futuro?! Não tenho tempo pra tamanha bobagem. Mais folhas escorregam pra fora da impressora, eu apanho o calhamaço, levo pra minha mesa, ajeito os óculos, empunho a caneta e começo a examinar uma por uma. Tudo seria muito mais fácil se os idiotas parassem de despejar bilhetes em minha mesa cada vez que levanto ou olho a janela aberta, convidativa. As sedutoras nuvens. Sempre as sedutoras nuvens.

Dizem que no centro do labirinto há um grande ipê-amarelo.

O labirinto foi construído há mil anos, no centro da favela.

A favela, todos sabem, está embaixo da gigantesca redoma transparente.

A redoma está no centro da metrópole.

A metrópole é do tamanho do mundo.

Dizem que protegendo o grande ipê-amarelo — a última árvore que sobrou — há uma brigada de androides assassinos.

Outros dizem que não são androides, são índios tupinambás, os últimos de sua raça.

Outros dizem que não são tupinambás, são demônios do folclore brasileiro.

Sacis, boitatás, cucas, lobisomens.

Esses demônios estão lá, no centro do labirinto, cuidando da última árvore, defendendo-a de qualquer perigo.

É o que dizem.

Eu não acredito.

Sou cego mas não sou trouxa.

— Cafuné encontrou uma perna no lixão.

— Tem certeza? Você viu a perna?

— Não vi, mas Siriema viu.

— É bom mesmo. Cafuné mente demais.

— Siriema disse que a perna está inteira. Em perfeito estado.

— Podemos vender. Ou trocar por açúcar. Ou sal.

— A gente podia negociar com o Turco, trocar pelo Aranha.

— Ficou louca? Um perna inteira pelo Aranha? O traste não vale a unha preta do meu pé podre.

— Coitado do Aranha.

— Tá vendo essa unha preta? Ela dói muito, principalmente à noite. Mas, se eu resolver arrancar, vou preferir jogar fora a trocar pelo Aranha.

— Turco prometeu que vai matar o coitado.

— O coitado aqui sou eu. Não tá vendo a unha? Dói demais.

— Turco prometeu. Disse que no domingo, se a gente não pagar o resgate, ele vai fatiar o Aranha.

— Não tá vendo o pé podre?

— Você devia cortar fora esse pé, chefe. Ou a craca vai comer a perna inteira.

— Eu gosto desse pé. Nasceu comigo. Eu e ele vivemos grandes aventuras. Tenho muito carinho pelo meu pé doente. Se hoje eu sou o rei do morro é graças ao meu pé podre.

— O Turco está dizendo que agora o rei do morro é ele.

— Delírio de grandeza.

— Vocês são mesmo irmãos? Tipo Caim e Abel?

— Isso não é da sua conta. Fala pra Siriema trazer a perna aqui.

— Temos um problema, chefe. Cafuné não quer entregar a perna.

— Fala pra Siriema nocautear o desgraçado.

— Cafuné correu pro labirinto. Siriema foi atrás.

— Fala pra ela arrancar o coração do filho da puta e atirar na trituradora. Fala pra ela arrancar os olhos dele, cortar fora o nariz, as orelhas e os lábios e também jogar na trituradora.

— Siriema está avisando que perdeu Cafuné de vista. O nevoeiro está mais denso do que o normal. Ela está dizendo que também se perdeu, não está conseguindo encontrar a saída do labirinto. Parece que seu GPS pirou.

— Incompetente.

— Vou pedir ajuda ao Mustafá. Ele conhece bem o labirinto.

— Tudo bem, mas muito cuidado com a perna encontrada no lixão, ok? Eu quero essa perna, tá entendendo? Eu quero essa perna!

— Bigode encontrou um braço no lixão. Um braço em perfeito estado.

— Muito esquisito. Semana passada foi uma perna. Hoje um braço. Ninguém viu nada? Quero saber quem está desovando próteses de cem mil créditos no meu território.

— Pode ser mais uma armadilha do Zumbi.

— Zumbi está morto, Violão. Eu mesmo acabei com ele.

— O corpo nunca foi encontrado, chefe. Caiu no esgoto e desapareceu.

— Para de espalhar besteira, garota. Zumbi está morto. A favela agora é minha. Bigode e Siriema eram do bando de Zumbi, agora são do meu. Você era do bando de Zumbi, agora também é do meu.

— Eu era do bando de Zumbi?

— Você não lembra porque tua memória foi modificada. Bigode e Siriema também não lembram. Hipnose profunda. Eu não confiaria nos três, não se vocês lembrassem que já foram do bando de Zumbi.

— É verdade. Eu era mesmo do bando de Zumbi.

— Era. E agora começará a esquecer que tivemos esta conversa.

— Que conversa?

— Já esqueceu. Assim é bem melhor.

— Já esqueci o quê, chefe?

— Não importa. Concentre-se no braço. No braço que está com Bigode e na perna que Cafuné roubou de mim.

— Não acha esquisito, chefe? Semana passada foi uma perna. Hoje um braço.

— Quero saber como vieram parar no meu território. Ninguém viu mesmo nada?

— É melhor a gente reforçar a vigilância.

Eu nasci cego.

Sem olhos, sem nervos ópticos.

Isso foi há muito tempo, antes da segregação, antes da cúpula.

Minha mãe vendeu tudo o que tinha e jogou no ralo da medicina todo o seu dinheiro tentando me fazer enxergar.

Foi inútil, nada deu certo.

Continuei sem olhos.

Sempre que recordo minha juventude sem luz, sem cores, lembro da pior escolha de minha vida.

Lembro da mulher misteriosa que veio falar comigo no hospital, depois de mais uma cirurgia fracassada.

Ela chegou perto e disse: “Você quer enxergar? Você quer mesmo enxergar? Eu sou a fada dos olhos.”

Eu respondi: “Tarde demais, não temos mais dinheiro. Minha mãe gastou tudo. Agora somos párias, vamos viver na favela.”

Ela disse: “Você quer mesmo enxergar? Posso fazer isso de graça, sou muito rica, não preciso de mais dinheiro.”

“Por quê?”

“Pra irritar algumas pessoas. Meus sócios. Quero humilhar meus sócios. Quero humilhar toda a comunidade neurocientífica.”

“De graça?”

“Totalmente de graça.”

“Aceito.”

“Posso dar a você a visão. Mas é bom que você saiba a verdade: precisarei remover os olhos saudáveis de outra pessoa.”

“Os olhos de outra pessoa?”

“Implantarei em você os olhos e os nervos ópticos de outra pessoa. Sinto muito. Não há outra alternativa.”

“Quem?”

“Qualquer pessoa saudável. Tua mãe, por exemplo.”

“Absurdo. Não aceito.”

“Tua mãe aceitou.”

Depois de muito hesitar, eu também aceitei.

Foi a decisão mais difícil de minha vida.

Eu sabia que estava vendendo a alma ao diabo.

Essa última cirurgia também foi inútil, não deu certo.

Isso foi há muito tempo, na época em que os pais ainda amavam os filhos.

O céu ainda era azul e a chuva não era de ácido sulfúrico.

Ainda havia uns poucos velhos animais no zoológico.

Os últimos.

— Siriema conseguiu sair do labirinto. O nevoeiro baixou.

— Garota sortuda.

— Outra informação quente. Fura-Bolo encontrou mais uma perna e um braço no lixão.

— Caralho, eu mandei vigiarem as escotilhas, não mandei?

— A gente vigiou. Ficamos de olho a noite toda. Movimento: zero. Ninguém tentou invadir a favela, ninguém tentou fugir pra cidade.

— Três coisas: manda Fura-Bolo trazer a perna e o braço. Manda a Siriema verificar se Mustafá já encontrou Cafuné. Manda o Aranha chamar o Açougueiro.

— Aranha ainda é prisioneiro do Turco.

— Puta merda, é verdade. Esse Turco é mesmo muito frouxo. No lugar dele eu já tinha liquidado o Aranha há um tempão.

— Coitado do Aranha.

— Quer levar um catiripapo? Quer?!

— Desculpa. Mas a galera não para de comentar. Você e o Turco... Vocês são mesmo irmãos? Tipo Esaú e Jacó?

— Meu ouvido ruim não escuta besteira. Desconfio que as pernas e os braços caíram do céu. Foram jogados de um flutuador.

— Jogados do alto, chefe? E a redoma?

— Procurem um buraco na redoma. Alguém deve ter feito um buraco bem no topo.

— Isso dispararia o alarme. Seria um escarcéu medonho.

— A menos que alguém tenha descoberto um jeito de fazer um buraco na redoma sem disparar o alarme, sua besta!

— É verdade, chefe. Tem gente que adora encarar desafios. Burlar o sistema. Principalmente gente desocupada.

— Acabou a jujuba amarela?

— A amarela acabou. A verde e a vermelha também.

Quer uma azul? Ou uma branca?

— Uma branca.

— Mustafá voltou. Mas nem sinal do Cafuné.

— Grande merda. Às vezes eu canso de chefiar.

— O senhor trabalha demais, chefe.

— Nada parece dar certo. Não é fácil ser o rei da favela. Ainda mais cego.

— Azar demais, chefe. As cirurgias deram errado.

— Deram muito errado, Violão. Hoje em dia todo mundo enxerga maravilhosamente bem. Só eu nasci cego e vou morrer cego.

— Azar demais, chefe.

— Dizem que os engenheiros da metrópole viajam a Saturno doze vezes ao ano. Eles e os cientistas e os cirurgiões. Mas não conseguiram algo muito mais simples: me fazer enxergar.

— Não quero piorar tua depressão, chefinho, mas o Turco mandou avisar que vai executar o Aranha amanhã cedo.

— Manda o Turco tomar no cu. Que sujeito mais escroto. Quero uma jujuba.

— A jujuba acabou.

— Até a branca?

— Até a branca.

Minha mãe gostava de borboletas.

Quando ela era criança e ainda existiam borboletas, ela atravessou um enxame e sentiu cócega nos braços, nas pernas e no rosto.

Riu bastante.

Muito tempo atrás eu tentei a conexão mental.

Açougueiro colou em minha careca uma touca cheia de eletrodos.

Minha touca estava ligada a outra, na cabeça de outra pessoa.

Açougueiro explicou que, assim que ele ligasse as toucas, eu enxergaria através dos olhos da outra pessoa.

Adivinhe quem era a outra pessoa.

Aranha.

Eu não conhecia o Açougueiro.

Era minha primeira consulta na favela.

Perguntei a ele se ele já havia testado o equipamento em alguém.

Ele respondeu: “Dezenas de vezes. Sempre funciona. É divertido, você vai ver.”

Não funcionou.

Levei vários choques no centro do cérebro, foi horrível. Pareciam ferroadas.

Em vez de eu enxergar através dos olhos do Aranha, foi o Aranha quem enxergou minha mente.

Meu medos.

Meus segredos.

Desde então tenho pesadelos com aranhas e borboletas elétricas.

— Cafuné voltou!

— Saiu do labirinto? Vivo?

— Saiu. Vivíssimo! Está vindo pra cá.

— Está trazendo a perna?

— Bigode disse que Cafuné está trazendo a perna, sim.

— Ótimo. Agora eu tenho duas pernas e dois braços. Amanhã bem cedo vamos ao mercadão negociar essas peças. Trocar por açúcar. Ou sal.

— Cafuné tá esquisito, chefe.

— Ele sabe que vai morrer. Ele me traiu. Todo mundo fica esquisito quando sabe que vai morrer.

— Não parece preocupado. Parece satisfeito. Quase feliz.

— Enlouqueceu. O labirinto faz isso com os desgraçados. A maioria morre lá dentro. Cafuné vai morrer aqui fora. Trairão.

— Bigode tá dizendo que Cafuné disse que encontrou um tesouro no labirinto.

— Tesouro? Enlouqueceu mesmo.

— Bigode tá dizendo que Cafuné disse que encontrou uma árvore no centro do labirinto.

— Árvore?

— Árvore.

— As árvores estão extintas. Você sabe. Eu sei. Todo mundo sabe. Faz quinhentos anos que ninguém vê uma.

— Bigode tá dizendo que Cafuné jura que encontrou uma.

— No centro do labirinto?

— É.

— Cafuné mente demais.

— Bigode tá dizendo que Cafuné tá esquisito. Nem parece ele mesmo.

— Violão, você já teve a sensação de que a vida não é real? De que tudo não passa de um sonho? Um sonho, não. Um pesadelo?

— O tempo todo, chefe. O tempo todo. Esqueceu que eu sou casada?

— Açougueiro vem na quinta.

— Só na quinta?

— Ele não tá se sentindo bem, chefe. Enxaqueca braba. A nova prótese neural deu defeito. Tá bagunçando as memórias do velho. Confundindo as datas.

— Quem mandou brincar com o próprio cérebro? Essas próteses canadenses não prestam.

— Outra informação quente. Procuramos um buraco na redoma. Procuramos com cuidado, usamos todas as câmeras de vigilância. Nada, chefe. A redoma está intacta. As peças não foram atiradas do alto.

— Se ninguém atravessou as escotilhas e a redoma está intacta, como as pernas e os braços foram parar no lixão?

— Por baixo, talvez.

— Um túnel? No morro, na rocha sólida?

— Não seria a primeira vez que alguém cava um túnel na favela. Zumbi já fez isso. Turco também. É o que dizem.

— Não acredite em tudo o que dizem por aí, Violão. São só boatos. Lendas. Eu sou cego mas não sou trouxa.

— Outra informação quente. Fura-Bolo encontrou um tórax no lixão.

— Grande novidade. Manda trazer aqui. Cadê o Cafuné com a perna que ele roubou?

— Cafuné fugiu, chefe. Derrubou Siriema e Mustafá e voltou ao labirinto.

— Tá brincando comigo?

— Não, chefe. Siriema e Mustafá foram nocauteados.

Juro.

— Cafuné, sozinho, derrubou os dois?

— Tava possuído pelo diabo, o pivete. Parecia em transe.

— Um pesadelo. Estou num pesadelo. Quero acordar.

— Mas Cafuné deixou a perna. Mandou entregar ao senhor. Depois derrubou Siriema e Mustafá e correu de volta ao labirinto. Sumiu no nevoeiro.

— Eu bato, bato a cabeça na parede. Mas não acordo.

— Outra informação quente. Turco teve um piripaque intestinal.

— Ótima notícia.

— E adiou a execução do Aranha.

— &#@#&#@!

— Está tudo aqui. Pernas, braços, tórax.

— Todos os membros são do mesmo fabricante?

— Do mesmo fabricante e do mesmo modelo, chefe. São os componentes de um androide do sexo masculino.

— Não vou estranhar se um dia desses aparecerem também a cabeça, o abdome, as costas e o quadril.

— O senhor podia pegar a perna direita, o que acha? Podia trocar sua perna podre.

— Não adianta, Fura-Bolo. Seria rejeição na certa. Meu corpo não aceita implantes, próteses, nada.

— Que azar, chefe.

— Azar demais. Açougueiro chegou?

— Chegou. Tá esperando na cozinha.

— Trouxe mais jujuba?

— Trouxe. Bastante. Já está distribuindo, a galera tá feliz.

— Manda ele entrar.

— Pode entrar, Doutor.

— Saudações, comandante.

— Tá se sentindo melhor, Doutor? A enxaqueca, a confusão mental...

— Passaram. Estou bem melhor, comandante. Eu mesmo extraí aquela prótese do diabo. Malditos canadenses.

Como vai a perna necrosada?

— Cada vez pior. Cada vez pior. Dói demais. Sem as jujubas, parece que estão torrando a carne com um maçarico.

— Azar demais, chefe. Azar demais.

— Doutor, preciso que entre em contato com seu velho amigo do mercadão. Quero negociar. Material de primeira.

— Estou vendo. Que beleza. Encontraram no lixão?

— Só não pergunta como tudo isso foi parar lá. É mais fácil explicar de vez o sentido da vida.

— Que beleza. O resgate do Aranha tá mais do que garantido.

— De novo essa história? Aranha? Aranha! Porra, como vocês são chatos. Não posso pagar resgate algum. Minha

reputação, entendem? Sou o rei da favela. Minha reputação! O que foi, Fura-Bolo? Desembucha.

— Informação quente, chefe.

— Fala, rapaz!

— As partes que estão faltando. Mustafá encontrou no lixão.

Os engenheiros das forças armadas trabalharam rápido. A cúpula desceu no meio da madrugada.

A favela foi dormir em liberdade e acordou apartada da metrópole.

Desde então a gente tem se virado do jeito que dá, sem qualquer contato com o mundo exterior.

Sem comunicação, quase sem água e comida.

Boatos circulam.

Péssimos boatos.

Os mais paranoicos dizem que o exército planeja encher a cúpula com gás venenoso.

Dizem que só não fizeram isso ainda porque uns poucos militantes dos Direitos Humanos estão atrapalhando.

Mas não é nisso que eu estou pensando enquanto todos os membros do androide vão sendo arrumados no chão de meu gabinete real.

Eu penso na extinção das borboletas.

Na extinção dos índios.

Em minha própria extinção.

Vá lá, na extinção do Aranha.

Pouco.

Penso bem menos na extinção do Aranha e mais, muito mais, nas outras.

Aranha é o cara mais chato que eu conheço.

Mala sem alça.

Então começa a baderna.

Ouçõ os membros do androide arrastarem, arranharem o chão.

Pergunto o que está acontecendo.

Fura-Bolo grita: “As pernas e os braços, chefe, eles estão se mexendo.”

Açougueiro dá mais detalhes: “Os membros estão se reunindo, comandante.”

Em dois minutos o androide já está montado e vivo.

Parado bem na minha frente.

É o que alguém sussurra em meu ouvido bom.

Essas máquinas costumam ser violentas.

Vingativas.

Sinto sua presença poderosa.

Penso se ele também está pensando em minha extinção.

Sem saber o que está acontecendo na sala, Siriema grita do corredor: “Turco cansou de esperar pelo resgate. Libertou o Aranha de graça mesmo. Parece que os dois eram cúmplices no plano do sequestro.”

Quanto mais eu rezo, mais assombração aparece.

— Ele correu mesmo pro labirinto?

— Nunca vi nada mais rápido. Sumiu no nevoeiro.

— Pensei que ele ia detonar a gente.

— Em vez de atacar, o danado fugiu. Entrou a duzentos por hora no labirinto. Eu filmei tudo.

— Esse androide foi esperto. Se tivesse tentado entrar na favela inteiro, não teria conseguido. Entrou aos pedaços.

— Tudo isso apenas pra visitar o labirinto?

— Esquisito.

— O pessoal tá ressabiado. Cagões supersticiosos. Disseram que não vão caçar o invasor nem a pau.

— Siriema, você já teve a sensação de que a vida não é real? De que tudo não passa de um sonho? Um sonho, não. Um pesadelo?

— É estresse, chefe. O senhor trabalha demais.

— Às vezes eu penso que a gente não existe de verdade. Somos apenas personagens de uma história sem pé nem cabeça.

— A vida de rei do morro não é fácil. O senhor precisa descansar.

— Queria muito que tivesse um jeito de saber a verdade.

— A verdade?

— É, Siriema. A verdade. Queria muito descobrir se somos de carne e osso ou não. Queria muito saber se eu e você existimos mesmo. Se a favela, a cúpula e a metrópole não são apenas lugares imaginários. Invenção. Ficção.

— Ficção? Isso seria maravilhoso.

— Tem certeza?

- Absoluta.
- Se pudesse escolher entre a vida real e a ficção, você escolheria a ficção?
- Pode apostar.
- Escolha mais besta. Está explicado por que eu sou o rei do morro e você é só, sei lá... Você mesma.
- Se a vida real fosse uma jujuba azul e a ficção fosse uma jujuba vermelha, eu escolheria a vermelha. Pensa bem, chefe, nas coisas fabulosas que a gente poderia fazer numa história sem pé nem cabeça.
- Coisas fabulosas?
- Atravessar paredes. Botar pra quebrar. Explodir a cúpula. Explodir a metrópole. O planeta.
- Para de explodir as coisas, garota. Ficou maluca?
- Rê, rê. Brincadeira. Mas a gente poderia transgredir bastante. Sem explodir nada, é claro.
- Voar sobre o centro do labirinto. Encontrar a última árvore.
- Criar uma floresta inteira. Com animais, índios e criaturas do folclore.
- Reviver minha mãe, devolver a ela a visão roubada. Sair da favela, ir morar na metrópole. Ir morar em Saturno, se eu quiser.
- O senhor finalmente começaria a enxergar. Simples assim. Mágica.
- Siriema...
- Porra, chefe. Não seria do caralho? Na imaginação vale tudo.

- Siriema, é bizarro. É... É vermelho, é vibrante.
- Chefe?
- Eu estou enxergando.

LUIZ BRASIL nasceu no dia 22 de abril de 1968. É ficcionista e coordenador de laboratórios de criação literária. Pesquisa as relações possíveis e impossíveis entre a física e a metafísica, intermediadas pela patafísica. Publicou, entre outros, *Distrito federal* (rapsódia, 2014), *Pequena coleção de grandes horrores* (minicontos, 2014) e *Sozinho no deserto extremo* (romance, 2012).

Governo do Estado de São Paulo
e Secretaria da Cultura apresentam

A última árvore

Luiz Bras

LF-06/002

Composto em Graphik e LyonText e
impresso em Risograph sobre papel
Chambрил Avena+ 90 g/m², com
tiragem de 500 exemplares.

São Paulo, 2017.

PDF disponível para download gratuito
no site.

livros-fantasma.com



APOIO



« Não precisa ficar nervosa. Não trocamos seu antigo cérebro por um novo. Isso seria impossível. — Ele pensa um pouco e abre um grande sorriso: — Impossível hoje. Daqui a cem anos, quem sabe? »

Ú
L
I

T
I
M
A

A ÚLTIMA ÁRVORE

Á
R
V
O

LUIZ
BRAS

O
R
E